



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
ESCOLA DE ADMINISTRAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO**



Janos Job

**HIPERSOLICITAÇÃO EM CONTEXTO DE TRABALHO IMATERIAL E OS
ESTILOS DE VIDA DECORRENTES: UM ESTUDO COM JOVENS ATLETAS**

**Porto Alegre
2012**

Janos Job

**HIPERSOLICITAÇÃO EM CONTEXTO DE TRABALHO IMATERIAL E OS
ESTILOS DE VIDA DECORRENTES: UM ESTUDO COM JOVENS ATLETAS**

**Dissertação de Mestrado apresentada ao
Programa de Pós-Graduação em Administração
da Universidade Federal do Rio Grande do Sul,
como requisito parcial para a obtenção do título
de Mestre em Administração.**

**Orientadora: Prof^a. Dr^a. Carmem Ligia Iochins
Grisci**

Porto Alegre

2012

CIP - Catalogação na Publicação

Job, Janos

HIPERSOLICITAÇÃO EM CONTEXTO DE TRABALHO
IMATERIAL E OS ESTILOS DE VIDA DECORRENTES: UM
ESTUDO COM JOVENS ATLETAS / Janos Job. -- 2012.
82 f.

Orientadora: Carmem Ligia Iochins Grisci.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do
Rio Grande do Sul, Escola de Administração, Programa
de Pós-Graduação em Administração, Porto Alegre, BR-RS,
2012.

1. Sociedade líquido-moderna. 2. Trabalho
imaterial. 3. Hipersolicitação. 4. Estilos de vida.
I. Ligia Iochins Grisci, Carmem, orient. II. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da UFRGS com os
dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Janos Job

**HIPERSOLICITAÇÃO EM CONTEXTO DE TRABALHO IMATERIAL E OS
ESTILOS DE VIDA DECORRENTES: UM ESTUDO COM JOVENS ATLETAS**

Conceito final:

Aprovado em 29 de maio de 2012.

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a. Cláudia Simone Antonello - UFRGS

Prof^a. Dr^a. Jaqueline Tittoni - UFRGS

Prof. Dr. Roberto Lima Ruas - PUC/RS

Orientadora - Prof^a. Dr^a. Carmem Ligia lochins Grisci - UFRGS

AGRADECIMENTOS

A todos aqueles que participaram desta conquista, cada qual ao seu estilo, contribuindo paulatinamente com suas orientações, correções, cobranças, além de camaradagem, carinho e amor.

A parcela de cada um, nesta vitoriosa jornada, estará, para sempre, gravada nas páginas desta dissertação.

Aqui, como vê, você tem de correr o máximo que pode para continuar no mesmo lugar.

Se quiser ir a outro lugar, tem de correr, no mínimo, duas vezes mais rápido!

Lewis Carroll

RESUMO

Este estudo buscou verificar a existência de elementos condizentes com a hipersolicitação descrita por Gaulejac (2007) em um cenário onde as características do trabalho contemporâneo são, cada vez mais, permeadas pela fluidez dos acontecimentos de uma sociedade líquido-moderna (BAUMAN, 2001; 2009b). Desta forma, conduziu-se um estudo de caso, a partir de uma pesquisa exploratória qualitativa, que contou com 20 jovens atletas e 5 profissionais da comissão técnica das categorias de base de uma tradicional agremiação futebolística de Porto Alegre. A coleta de dados se deu por meio de entrevistas semi-estruturadas, que permitiram a compreensão do universo dos entrevistados. Por fim, os resultados foram analisados à luz da teoria do trabalho imaterial (LAZZARATO e NEGRI, 2001; GORZ, 2005), prática essencial para o pleno entendimento da hipersolicitação no universo estudado, onde se constatou, de forma clara, os sintomas de hipersolicitação e as conseqüentes alterações nos estilos de vida dos pesquisados. Esses resultados permitem a comparação do ambiente esportivo amador com os demais estudos da gestão gerencialista, o que, além de outras contribuições, enriquece a discussão acerca do tema em questão.

Palavras-chave: Sociedade líquido-moderna. Trabalho imaterial. Hipersolicitação. Estilos de vida.

ABSTRACT

This study aimed to verify the existence of consistent elements related to the hypersolicitation described by Gaulejac (2007) in a scenario where the characteristics of contemporary work are increasingly influenced by the fluidity of the events of a liquid-modern society (BAUMAN, 2001, 2009b.) Thus, a case study was conducted from a qualitative and exploratory research which featured 20 young athletes and 5 professionals of the technical committee of the basic categories of a traditional Porto Alegre football college. The data collection occurred through semi-structured interviews that allowed the understanding of the respondents' universe. Finally, the results were analyzed based on the theory of immaterial labor (LAZZARATO and NEGRI, 2001; GORZ, 2005), an essential practice for the full understanding of the universe of the hypersolicitation study, which clearly demonstrated the symptoms of the hypersolicitation and the consequent changes in the lifestyles of those surveyed. Those results allow comparison of the amateur sports environment with other studies regarding managerial model, which among of other contributions enrich the discussion about the topic itself.

Keywords: Liquid-modern Society. Immaterial Labor. Hypersolicitation. Lifestyles.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	8
2	REVISÃO DE LITERATURA	13
2.1	O TRABALHO CONTEMPORÂNEO NA SOCIEDADE LÍQUIDO-MODERNA	13
2.1.1	Estilos de vida na sociedade líquido-moderna	19
2.2.	O FUTEBOL NA PERSPECTIVA DO TRABALHO IMATERIAL	26
2.2.1	Hipersolicitação em contexto de trabalho imaterial	29
3	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	36
3.1	MÉTODO	36
3.2	QUESTÃO DE PESQUISA	37
3.3	SUJEITOS DA PESQUISA	37
3.4	COLETA DE DADOS	40
3.5	ANÁLISE DE DADOS	43
4	APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS	44
4.1	CARACTERÍSTICAS DO CLUBE	44
4.1.1	Alojamento	48
4.2	O FUTEBOL NA SOCIEDADE LÍQUIDO-MODERNA	51
4.2.1	Hipersolicitação no futebol como trabalho imaterial	56
4.2.2	Estilos de vida dos jovens atletas	64
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	72
	REFERÊNCIAS	77
	APÊNDICE A - ROTEIRO BÁSICO DE ENTREVISTA 1	80
	APÊNDICE B - ROTEIRO BÁSICO DE ENTREVISTA 2	81
	APÊNDICE C - TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO	82

1 INTRODUÇÃO

O cenário do trabalho contemporâneo apresenta-se como um ambiente em constante movimento. Percebe-se, hoje, que, cada vez mais, as pessoas estão integralmente ligadas ao trabalho. Esta conexão diuturna entre as pessoas e suas atividades profissionais provoca alterações relevantes em seus estilos de vida. Não apenas telefones, que permanecem ligados 24 horas por dia, como também as vestimentas características de cada profissão provam esta conexão. As demonstrações são cada vez mais profundas. Tratamos, por exemplo, das pessoas que saem de suas próprias casas para se estabelecerem no local de trabalho ou próximo dele e das pessoas que praticam esportes “não preferidos”¹ em horários livres, entendendo esta como “conduta mais adequada” para determinado cargo ou função.

Casos frequentemente vistos como alterações de endereço, afastamento da família, mudanças relativas às formas de vestir ou às formas de se expressar são, de certa forma, comuns no ambiente profissional. No entanto, podemos perceber que estas mudanças permeiam mais do que o ambiente profissional administrativo e, a partir desta constatação, refletir sobre quais outras esferas estão sendo tocadas pelas novas mudanças de hábitos.

No que se refere ao presente trabalho, buscou-se vislumbrar a existência de possíveis características do ambiente profissional administrativo dentro de um grande clube do futebol profissional de Porto Alegre, e descrever as mudanças nos estilos de vida de jovens atletas.

Trata-se de um universo comumente abordado em reportagens e pesquisas², que apresentam as dificuldades e os esforços dos atletas e seus familiares na busca pela profissionalização no esporte, mas que, neste trabalho, recebeu um outro enfoque.

A experiência e o conhecimento adquiridos por meio da prática diária do futebol, anterior à inclusão dos jovens atletas em um clube, é um processo que se

¹ Relato de um executivo que afirma jogar Golf com colegas de trabalho mesmo não gostando de tal esporte. (TANURE et al. 2007)

²Série de reportagens do Jornal Zero Hora - Família de Chuteiras (08.01.2012 - 12.01.2012); Série de reportagens do Jornal Zero Hora - Sonho de Guri: ser jogador de futebol (28.12.2008 - 31.12.2008)

inicia logo nos primeiros anos de vida, dentro de casa ou nas ruas onde residem. Esta atividade, que segundo Azevedo (2009) tem características imateriais, segue em um caminho de aperfeiçoamento, onde os jovens, por meio de observação de outros atletas, além da prática que, em determinado momento, passa a se dar nos campos de várzea, aprimoram suas habilidades. Neste cenário, tais entendimentos permitem conduzir este estudo sob a noção do “trabalho imaterial” de Gorz (2005) em uma “vida líquida” descrita por Bauman (2009b).

Para Grisci (2008, p. 3), “entende-se por trabalho imaterial o conjunto de atividades corporais, intelectuais, criativas, afetivas e comunicativas, inerentes ao trabalhador”, onde deste trabalho “resultam, além de produtos materiais, produtos intangíveis como sentimentos de confiança, segurança e conforto aos clientes”.

Cabe ressaltar que este trabalho não visa explorar a compreensão da imaterialidade na prática ou execução do futebol como a obra de Azevedo (2009). Contudo, este entendimento é necessário e muito valioso, pois permite o emprego do conceito neste universo, com o intuito de atingir o objetivo deste estudo.

Neste estudo, o entendimento de trabalho imaterial é primordial para a reflexão sobre a imaterialidade na realização das atividades profissionais fora do local de trabalho. Portanto, este trabalho tem como foco levantar a discussão acerca do trabalho imaterial como elemento que maximiza a hipersolicitação (GAULEJAC, 2007) em uma sociedade líquido-moderna (BAUMAN, 2009b) e conhecer se o ambiente esportivo pode ser tocado por esta realidade.

De acordo com Gorz (2005, p.15), o trabalho imaterial é consequência de um capitalismo pós-moderno no qual se valoriza um “capital dito imaterial”, chamado também de “capital humano” ou “capital conhecimento”. O trabalho imaterial, tal como apresentado por Gorz (2005), se faz notar quando exigido pelos modos de gestão gerencialista, em que “cada indivíduo deve tornar-se o gestor de sua vida” (GAULEJAC, 2007, p. 177), na sociedade hipermoderna (LIPOVETSKY, 2007) onde os novos tempos são caracterizados pelo movimento, pela fluidez e pela flexibilidade e na vida líquido-moderna, compreendida por Bauman (2009b, p. 7) como uma forma de vida característica de uma sociedade líquido-moderna, onde as mudanças acontecem em um tempo mais curto do que o necessário para a sua consolidação em hábitos e rotinas, o que interfere, de forma determinante, nos estilos de vida dos indivíduos.

Neste cenário, a hipersolicitação do trabalho se estabelece. Por hipersolicitação do trabalho compreende-se a sobrecarga de trabalho, considerada normal, por ser aceita voluntariamente pelo trabalhador, sendo esta uma fonte de orgulho, mesmo sendo responsável por queixas do tipo: “não agüento mais” ou “estou esgotado”. A hipersolicitação traduz um superinvestimento no trabalho por parte do trabalhador (GAULEJAC, 2007).

Tendo em vista este cenário, o presente trabalho se propôs a abordar o ambiente esportivo, que constitui um local de adoração por um grande número de pessoas, e que não se denuncia naturalmente como detentor de algumas características que o assemelham tanto ao mundo empresarial. Nestas condições, esta escolha se justifica, enriquecendo ainda mais o estudo em questão.

Diversos autores (GAULEJAC, 2007; SENNETT, 2009a; GORZ, 2005) já denunciaram que a competição por lugares de destaque atingiu uma nova dimensão, cujos reflexos podem ser vistos para além do ambiente empresarial. Lazzarato e Negri (2001, p. 25), ilustram esta realidade afirmando que, atualmente, é “a alma do operário que deve descer na oficina”, ou seja, o modelo gerencialista cobra do trabalhador uma entrega de “corpo e alma”, onde a não-obediência pode ser punida com o fracasso. Nesta abordagem, entende-se como determinante o estudo do trabalho imaterial para maior entendimento da hipersolicitação, e, conseqüentemente, verificar os desdobramentos e os reflexos no estilo de vida dos envolvidos.

Assim, cada vez com menos idade e mais solitários, os jovens atletas das categorias de base³ do meio esportivo, como bem exemplifica o futebol, se inserem no mercado competitivo. Neste local, eles dedicam muito de suas energias, experiências e habilidades corporais (para correr, driblar e chutar) adquiridas ao longo dos poucos anos de vida, em geral, nos campos improvisados nos bairros e nos parques.

Esta realidade, que já é do conhecimento de todos os interessados no assunto futebol, provoca algumas indagações: os modos pelos quais buscam alcançar os resultados esperados guardariam semelhanças com os modos empreendidos por trabalhadores inseridos em outras organizações? Seriam, também eles, trabalhadores hipersolicitados pelos atuais modos de gestão

³ Centro de treinamento de jovens atletas com idades entre doze e vinte anos, administrado por um clube de futebol e com o objetivo de formar jogadores profissionais.

gerencialista, conforme Gaulejac (2007)? Os resultados, alcançados por meio da disponibilização total de si em prol do trabalho, dirão algo dos estilos de vida que passarão ou não a sustentar?

Tais indagações levaram a formular a seguinte **questão de pesquisa**:

O trabalho imaterial de jovens atletas das categorias de base do futebol apresenta elementos condizentes com a hipersolicitação do trabalho? Em caso afirmativo, como eles interferem nos estilos de vida desses jovens atletas?

A fim de responder à questão de pesquisa, elegeram-se os seguintes objetivo geral e objetivos específicos:

Objetivo Geral

Verificar, dentro das categorias de base do futebol, a existência de elementos condizentes com a hipersolicitação em contexto de trabalho imaterial e compreender como ela provoca alterações nos estilos de vida de jovens atletas.

Objetivos Específicos

- Descrever e analisar o futebol como trabalho imaterial relativo às categorias de base do CLUBE.
- Verificar e analisar como os jovens atletas descrevem os fatores relativos ao trabalho que resultam em estilos de vida favoráveis.
- Verificar e analisar como os jovens atletas descrevem os fatores relativos ao trabalho que resultam em estilos de vida desfavoráveis.

O local de investigação empírica foi uma grande agremiação tradicional sediada em Porto Alegre / RS, doravante chamada de CLUBE.

O CLUBE conta com uma equipe profissional de futebol e uma grande estrutura para as categorias de base, que vai desde campos de treino, refeitório, departamento de fisioterapia, profissionais de educação física, profissionais de nutrição, profissionais de psicologia, a alojamentos para o internato dos jovens que necessitarem.

Como estruturas de apoio e de atividades complementares, o clube ainda possui academia de musculação e ginásio poliesportivo, além de outras estruturas, como loja que comercializa produtos vinculados ao clube, agência bancária, entre outros.

Propõe-se, portanto, um estudo sobre a hipersolicitação em contexto de trabalho imaterial e os estilos de vida dela decorrentes, tendo como foco uma agremiação esportiva que acolhe jovens recém profissionalizados e, ainda, os que aspiram a uma profissionalização.

Na sequência, apresentar-se-ão os seguintes itens: revisão da literatura, procedimentos metodológicos, apresentação e análise dos resultados, e considerações finais.

2 REVISÃO DA LITERATURA

De acordo com os objetivos propostos neste trabalho, a revisão da literatura abordará o trabalho contemporâneo na sociedade líquido-moderna, contemplando as especificidades dos estilos de vida e da hipersolicitação em contexto de trabalho imaterial. Além disso, tomará o futebol na perspectiva do trabalho imaterial.

2.1 O TRABALHO CONTEMPORÂNEO NA SOCIEDADE LÍQUIDO-MODERNA

O trabalho contemporâneo, assim como o capitalismo, tem sua evolução atrelada aos acontecimentos marcantes na sociedade ocidental. Assim, para o entendimento da nova concepção do trabalho em uma sociedade que foge das características de sua antecessora sólido-moderna, se fazem necessárias algumas breves colocações.

Várias foram as transformações sociais na Europa que ajudaram a disseminar os valores da sociedade burguesa, até então emergente. Seu poder político, em detrimento da nobreza e do clero, foi fortalecido no século XIV a partir do enfraquecimento econômico oriundo das cruzadas religiosas e outras atividades que ganhavam grande atenção na época. Entre essas transformações podemos citar a Reforma Protestante de 1517, na Alemanha, a Revolução Puritana de 1640 e a Revolução Gloriosa de 1688, ambas na Inglaterra, e a Revolução Francesa de 1789 (KOPELKE, 2011).

Tais acontecimentos definiram os mecanismos políticos, jurídicos e ideológicos que consolidaram a burguesia como a responsável pelo desenvolvimento das relações capitalistas de produção e permitiram o exercício da dominação social e da hegemonia política sobre os demais segmentos da sociedade (KOPELKE, 2011). Paralelamente às reformas sociais, a revolução industrial e uma série de transformações tecnológicas, em meados do século XVIII, ampliaram, ainda mais, os lucros da classe burguesa, fortalecendo o seu poder econômico e social.

Estas transformações culturais, sociais e econômicas conduziram a sociedade a novos entendimentos sobre as diversas questões, principalmente as relacionadas ao trabalho.

Quanto à sociedade atual, líquida, tema deste tópico, Bauman (2008; 2009b) descreve novas características que a diferenciam de suas antecessoras. O autor a define como uma nova ordem, onde rigidez e inflexibilidade são determinantes para o fracasso coletivo e individual.

Segundo o autor:

Em seu estágio pesado, o capital estava tão fixado ao solo quanto os trabalhadores que empregava. Hoje o capital viaja leve - apenas com a bagagem de mão, que inclui nada mais que pasta, telefone celular e computador portátil. Pode saltar em quase qualquer ponto do caminho, e não precisa demorar-se em nenhum lugar além do tempo que durar sua satisfação (BAUMAN, 2001, p. 71).

Desta forma, o autor denomina de “vingança do nomadismo contra o princípio da territorialidade e do assentamento”, quando afirma que no “estágio fluido da modernidade, a maioria assentada é dominada pela elite nômade e extraterritorial” (BAUMAN, 2001, p. 21).

Quando a sociedade se altera de forma tão marcante, o trabalho e suas relações igualmente desviam seus cursos. Portanto, com esta nova concepção de sociedade, o trabalho contemporâneo muda seu entendimento, fazendo com que o mesmo interfira cada vez mais na vida dos trabalhadores. É neste ambiente que o poder gerencialista funciona como sistema de solicitação requerendo um comportamento reativo, flexível, adaptável, capaz de pôr em prática o projeto da empresa (GAULEJAC, 2007).

Corrobora com esta afirmação a obra de Tanure et al. (2007), que apresenta o “teatro organizacional”, onde um profissional pode ter atitudes contrárias a suas filosofias em prol de valorização profissional, estas atitudes são tão abrangentes que interferem tanto dentro do ambiente de trabalho quanto fora dele.

Diferente do século XIX, onde se observavam diversas alterações relacionadas ao confronto entre carga horária doada à jornada de trabalho e a carga horária destinada ao tempo livre, atualmente a grande mudança de entendimento situa-se na dificuldade de distinguir jornada de trabalho e tempo livre. Como retrata Lipovetsky (2007), acompanhando as evoluções do mercado financeiro, o “presente”

ganhou atenção redobrada. O tempo é agora escasso, não há mais tempo livre ou tempo dos jovens, o que importa é o agora.

Como afirma Lazzarato (2006), diferente da revolução industrial, onde as fábricas centralizavam a produção em geral, a produção está em todo lugar, não apenas em artigos manufaturados, mas na criação de novos mundos. Portanto, atualmente, o tempo livre é um tempo inútil se não aproveitado adequadamente. Vivemos em uma sociedade que exige de seus integrantes a produção ininterrupta de um indivíduo cada vez melhor, sempre mais capaz que o anterior (GAULEJAC, 2007; BAUMAN, 2009b).

Como diria Pelbart (2000), vemos uma apologia da flexibilização total, e essa apologia interfere tanto nas relações de trabalho, quanto nas relações familiares, como as conjugais e afetivas.

Lazzarato (2006) afirma que o trabalho não é mais apenas uma simples atividade econômica, ele tornou-se a forma como o indivíduo se produz e produz seu estilo de vida e mundo.

Quanto a comparações, podemos identificar que as características do trabalho na sociedade líquido-moderna são distinguíveis daquelas percebidas anteriormente. O problema mora na facilidade de perceber as mais superficiais e, conseqüentemente, na dificuldade de enxergar as mais profundas. Sennett (2009b) alerta que, diferente do que se observa na mídia ou nos discursos dos empresários, o mercado global e as novas tecnologias não são as únicas mudanças relevantes. Em uma abordagem mais atenciosa, podemos perceber novas maneiras de organizar o tempo, sobretudo o tempo destinado ao trabalho. “O sinal mais tangível dessa mudança talvez seja o lema ‘Não há longo prazo’” (SENNETT, 2009b, p. 21). A carreira tradicional, aquela que avançava passo a passo dentro de uma mesma organização, está acabando; e, com ela, a utilização de um único conjunto de qualificações no decorrer de uma vida de trabalho, também.

Em defesa das mudanças que vêm ocorrendo, surge a afirmação em favor da nova organização do trabalho, onde descentralizar o poder, quer dizer dar às pessoas, nas diversas categorias e níveis de uma organização, mais controle sobre suas próprias atividades. Esta afirmativa pode soar bem aos ouvidos, entretanto Sennett (2009b) alerta para a falsidade de tal promessa. O autor ressalta que a velha estrutura proporcionava certa proteção aos trabalhadores, e hoje eles a perderam.

Passamos a observar, como descreve Bauman (2008), que, na sociedade líquido-moderna, a competição, a aquisição e, principalmente, o descarte, aceleraram muito, e que uma sociedade de consumo, como vivemos hoje, faz o comportamento do indivíduo sofrer alterações, muito além do que já foi visto em outras épocas. A pessoa não pode se tornar sujeito sem primeiro virar mercadoria, e, principalmente, não poderá manter segura sua subjetividade sem recarregar de maneira perpétua as características exigidas de uma mercadoria vendável (BAUMAN, 2008).

E assim, como diria Pelbart (2000, p. 12), “a subjetividade ganhou visibilidade como um domínio próprio, relevante, capital”. Desta forma, não estará mais segura, pois são as incertezas da sociedade líquido-moderna (BAUMAN, 2009b) que criam tamanha insegurança no indivíduo e a organização apenas contribui para este entendimento. Segundo Sennett (2006, p. 52), “a estrutura da empresa não constitui um sólido objeto passível de estudo, seu futuro não pode ser previsto”.

Dentre as justificativas para tais acontecimentos, vemos a sociedade de consumidores descrita por Bauman (2008; 2009b), que tem como premissa satisfazer os desejos das pessoas de uma forma que nenhuma outra sociedade poderia fazer, baseada no estímulo sem fim que molda os novos estilos de vida. Ainda, dentre as justificativas, vemos os diferentes caminhos da vida trazidos por Sennett (2009a; 2009b), que argumenta sobre a motivação que está vinculada às condições sociais, além da ambição por qualidade e o alerta sobre a obsessão, quando se refere à busca por especialização. Ou seja, a sociedade de consumo torna permanente a insatisfação (BAUMAN, 2009b); em outras palavras, ela “prospera enquanto consegue tornar perpétua a não-satisfação de seus membros” (BAUMAN, 2008, p. 64), que ocorre não mais em longo prazo (SENNETT, 2009b), provocando um movimento contínuo (fluidez), sempre em busca de mais.

Os reflexos desta sociedade líquido-moderna extrapolam todas as fronteiras, não mais apenas no ambiente de trabalho ou no meio esportivo. Hoje observamos estados e demais organizações sendo afetados com estes novos entendimentos.

Como exemplo, citamos o governo britânico que, atualmente, adota medidas típicas de classificação para conduzir seus processos de imigração, realizando uma classificação por pontuação, tudo com o objetivo de facilitar a entrada dos imigrantes considerados úteis e, principalmente, rejeitar os imigrantes considerados inúteis (BAUMAN, 2008).

De forma clara, podemos observar que o governo britânico, da forma como apresenta o exemplo anterior, pratica medidas típicas de uma sociedade do consumo, onde estar em condições de descartar os itens que não lhe são úteis torna-se uma ferramenta importante para o sucesso. O temeroso, neste caso, é que os tão facilmente descartáveis “itens” deste processo são as pessoas e suas vidas.

A tecnologia, por sua vez, permitiu maior dinamismo na administração do tempo, e esta aceleração contribuiu para as mudanças, em tempo muito curto, na forma como agem os membros desta sociedade.

Para Bauman (2009b) o conceito de “líquido-moderno” esclarece alguns acontecimentos do mundo atual. O autor descreve sobre a vida precária baseada na constante incerteza, e sobre a competitividade desmedida. Os indivíduos nela inseridos trabalham e dedicam-se cada vez mais em um ambiente onde “o verdadeiro prêmio nessa competição é a garantia (temporária) de ser excluído das fileiras dos destruídos e evitar ser jogado no lixo” (BAUMAN, 2009b, p. 10).

Em suas reflexões, Bauman (2009b) compara o mundo passado, onde se percebia a pobreza da vida curta e mortal, mas que ainda carregava a esperança da riqueza infinita. No mundo atual, com o desaparecimento desta esperança, cabe ao indivíduo não olhar para trás, apenas seguir sempre em frente.

Pode-se afirmar, como já foi dito, que o trabalho contemporâneo sofre das mesmas transformações da sociedade, que atualmente tem nos dizeres: competição e mobilização total (GORZ, 2005), palavras de ordem. Nestas condições é que são construídos os objetivos de longo prazo, onde são apresentadas as promessas de descanso ao fim da jornada, porém, como trazido por Bauman (2009b) para largar tudo, antes precisamos conquistar tudo, e esta tarefa continua inatingível.

Como já foi apresentado, o trabalho sofreu, ao longo do tempo, grandes alterações na forma de ser executado, e, principalmente, de ser entendido.

Essas transformações no mundo do trabalho e em suas relações são notáveis. Há séculos a evolução da tecnologia vem contribuindo para isso, porém, o trabalho contemporâneo apresenta uma sucessão de mudanças e de novos entendimentos que tornam os últimos acontecimentos mais complexos do que a simples análise do avanço das tecnologias.

Em uma abordagem sociológica, percebe-se que as mesmas atividades que em um primeiro momento eram vistas como escravizantes ou alienantes, logo a seguir foram interpretadas como libertadoras, contudo, o que não havia mudado era

o entendimento de que as mesmas sempre foram conduzidas e executadas simplesmente com o propósito da sobrevivência, para atender às diversas necessidades básicas do homem. Neste momento, o trabalho subsidiava a vida.

Por sua vez, o cenário atual do trabalho, permeado pela sociedade líquido-moderna, apresenta situações tão distintas que provoca questionamentos sobre a ordem dos acontecimentos. Se antes o trabalho subsidiava a vida, os inúmeros exemplos citados na introdução deste estudo⁴ nos levam a refletir se não estamos presenciando uma inversão, se a vida, atualmente, não está a subsidiar o trabalho.

Como diria Gaulejac (2007, p. 235), por séculos o homem procurou se libertar do trabalho, “é paradoxal pensar que hoje, a libertação passa primeiro pelo trabalho”, fazendo com que as pessoas corram o risco de ter que perder sua vida para ganhá-la.

Comparável aos questionamentos que emergiam durante as três revoluções industriais, atualmente a sociedade líquido-moderna se pergunta sobre a real inserção do homem junto às atividades relacionadas ao trabalho. Assim como no século XVIII e XIX, a máquina a vapor e as expansões tecnológicas se apresentaram, cada uma a seu tempo, como alternativas que libertariam o homem de suas atividades profissionais e suas exaustivas jornadas de trabalho. Hoje a sociedade se questiona se o trabalho continua a ser realizado para garantir a sobrevivência do indivíduo, ou se o indivíduo canaliza todos os seus esforços e, por conseguinte, toda a sua existência, exclusivamente para trabalhar.

Em suma, assim como a vida, o trabalho na sociedade líquido-moderna é precário, rico em incertezas, assombrando constantemente as pessoas com temores de serem pegos “tirando uma soneca” ou “não conseguindo acompanhar a rapidez” (BAUMAN, 2009b). Igualmente a vida-líquida, o trabalho contemporâneo é uma sucessão de reinícios, nada foi totalmente conquistado, não se pode ficar parado.

Como afirma Bauman (2009b, p. 9), o trabalhador, “deve modernizar-se (ir em frente despindo-se a cada dia dos atributos que ultrapassaram a data de vencimento)”.

Dado este contexto, as pessoas se dedicam cada vez mais ao trabalho, em busca de algo que até então parece inatingível. Horas extras, férias não gozadas,

⁴ Casos frequentemente vistos como alterações de endereço, afastamento da família, mudanças relativas às formas de vestir ou às formas de se expressar, além de telefones que permanecem ligados 24 horas por dia.

telefones que nunca são desligados, relatórios e demais tarefas que são concluídos em casa, entre tantos outros exemplos que interferem de maneira determinante na vida das pessoas passaram a ser interiorizados de tal forma que são vistos como normais e até mesmo “justos” (NORONHA, 2003).

Vive-se atualmente um ambiente onde a maior punição que alguém pode sofrer é a do fracasso na luta simbólica pelo reconhecimento (BOURDIEU, 2001).

2.1.1 Estilos de vida na sociedade líquido-moderna

Como Sennett (2009b), Bauman⁵ apresenta uma das grandes transformações da nova sociedade, uma transformação oriunda da nova tecnologia de comunicação. Os autores tratam sobre as redes sociais e discutem sobre a necessidade do homem de se relacionar em comunidade. Contudo, a diferença entre as duas abordagens está no fato de Sennett concentrar sua observação no afastamento que a inserção nestas redes provoca na vida dos indivíduos, ou seja, as consequências desta realidade, principalmente quanto as suas reais participações nos acontecimentos da vida e da comunidade onde vivem. Por sua vez, em sua entrevista, Bauman aborda o mesmo tema, no entanto, o autor relatando o motivo desta grande migração para as redes sociais, que, segundo ele, se dá por uma característica perversa, mas latente da sociedade de consumidores, a facilidade que temos para descartar as relações não mais satisfatórias, muito diferente da clássica comunidade.

A afirmação anterior reforça o entendimento de Granovetter (1973), quando relatou os fracos laços nas novas redes institucionais. O sociólogo argumenta que vem da fragilidade a força deste ambiente, onde as formas passageiras de associação são mais interessantes para os participantes do que as antigas ligações de longo prazo.

É importante destacar que a relevância nas idéias acima, não está no exclusivo entendimento sobre redes sociais, sabemos que as novas redes são apenas um de muitos exemplos de um novo cenário dinâmico. O real significado das

⁵ Entrevista concedida ao projeto Fronteiras do Pensamento 2011. Disponível em <http://www.youtube.com/watch?v=POZcBNo-D4A>. acessado em 10.02.2012.

colocações dos autores está no entendimento de que vivemos em uma sociedade onde as mudanças ocorrem em tempos cada vez mais curtos e, conseqüentemente, os estilos de vida dos profissionais sofrem cada vez maiores pressões e, por sua vez, se adaptam mais e mais vezes.

As relações são cada vez de mais curto prazo, esta é uma característica da fluidez na vida líquido-moderna (BAUMAN, 2001).

Contudo, o deslocamento do foco do longo para o curto prazo é algo recente. Segundo Sennett (2006), podemos perceber este deslocamento nos comportamentos em relação aos bens, em relação ao planejamento das empresas e, também, em relação ao comportamento dos profissionais.

O grupo da geração anterior pensava em termos de ganhos estratégicos de longo prazo, ao passo que o grupo contemporâneo pensa em termos de perspectivas imediatas. A um exame mais atento, o grupo mais antigo era capaz de verbalizar metas, ao passo que o grupo contemporâneo encontrava dificuldade para manusear uma linguagem que fosse ao encontro de seus impulsos. Em particular, o grupo mais antigo era capaz de definir suas eventuais gratificações, ao passo que o grupo contemporâneo lidava com desejos mais amorfos (Sennett, 2006, p.75).

“Chegamos ao momento em que a comercialização dos modos de vida não mais encontra resistências estruturais, culturais nem ideológicas; e em que as esferas da vida social e individual se reorganizam em função da lógica do consumo” (LIPOVETSKY, 2007, p. 31)

Segundo Sennett (2009b), o dinamismo do mercado atual não permite que se façam as mesmas coisas, do mesmo jeito, ano após ano. O economista Bennett Harrison é referenciado por Sennett (2009b, p. 22) quando afirma que “a origem dessa fome de mudança é o ‘capital impaciente’, o desejo de rápido retorno”. O autor justifica seu argumento comparando o período médio de tempo que os investidores seguram suas ações na bolsa britânica e na bolsa americana, que caiu 60 por cento nos últimos quinze anos. “O mercado acredita que o rápido retorno é mais bem gerado pela rápida mudança institucional” (SENNETT, 2009b, p. 22).

Contudo, Sennett (2009b) relembra que a mudança sempre esteve na mentalidade humana, “durante a maior parte da história, as pessoas têm aceitado o fato de que suas vidas mudarão de repente devido a guerras, fomes ou outros desastres” (SENNETT, 2009b, p. 33). Como exemplos marcantes, temos as mudanças conseqüentes da Grande Depressão de 1929 ou as mudanças decorrentes das Guerras Mundiais. A diferença segundo Sennett (2009b) está no

motivo das novas incertezas. O “singular na incerteza de hoje é que ela existe sem qualquer desastre histórico iminente; ao contrário, está entremeada nas práticas cotidianas de um vigoroso capitalismo. A instabilidade pretende ser normal” (SENNETT, 2009b, p. 33).

Diferente de outras sociedades, o momento atual cobra de forma inimaginável a flexibilização total. A destruição criativa, segundo Schumpeter apresentada por Sennett (2009b), exige pessoas à vontade para não calcular as consequências das mudanças, ou simplesmente à vontade para não saber o que virá depois. A disposição de arriscar (SENNETT, 2009b), uma das justificativas para tantas mudanças, não está mais atrelada às características de investidores ou pessoas aventureiras. O risco se tornou uma necessidade das massas e sua aceitação é perfeitamente normal (GAULEJAC, 2007). Sennett (2009b) reafirma este entendimento que na nova sociedade a produção de riquezas é sistematicamente acompanhada pelas produções sociais de riscos.

O fato de as pessoas assumirem riscos todos os dias leva ao entendimento de que, na sociedade atual, os sujeitos são tocados mais pelas perdas, do que pelos ganhos, riscos assumidos nas carreiras ou em casamentos, são bons exemplos para esta afirmação. Assim como na mesa de jogo, o indivíduo é muito mais sensível aos acontecimentos negativos que positivos (SENNETT, 2009b).

Esta sensibilidade aos fatos negativos faz com que o fracasso seja o grande tabu desta sociedade moderna. Os exemplares de auto-ajuda enchem as prateleiras das livrarias apresentando a toda hora as receitas de como vencer no novo cenário, contudo, dificilmente encontraremos como enfrentar o fracasso (SENNETT, 2009b).

Diferente de outrora, onde se ouvia após cada fracasso “tente outra vez”, “se esforce mais”, “você vai conseguir”, a sociedade dos consumidores não tolera falhas, neste ambiente os fracassados são completamente excluídos, abandonados (BAUMAN, 2008). Preocupado em não fracassar na sociedade líquido-moderna, o indivíduo parte em uma busca desenfreada por reconhecimento (GAULEJAC, 2007), onde segue em busca de resultados e de satisfação, traço marcante da sociedade de consumidores, ele não pode parar, muito menos desistir, pois isso seria o fim certo. Como afirma Sennett (2009b), o indivíduo busca segurança no entendimento de que, se obtiver sucesso, então não será um fracassado, entretanto, rapidamente percebe que este sucesso, na forma que pretende, nunca será alcançado.

Bauman (2009a) cita a pesquisa de Richard Layard, segundo a qual há um limite para que o ganho em termos de conforto e consumo seja capaz de gerar mais bem-estar subjetivo. Conforme as estatísticas comparadas por Layard em vários países, os índices de satisfação com a vida só crescem de modo significativo até o ponto em que carência e pobreza são substituídas pela satisfação de necessidades essenciais; e param de subir ou tendem a decrescer quando se ultrapassa certo limite de conforto em termos materiais.

Ainda assim, o sucesso profissional continua sendo o foco do trabalhador, pois o trabalho tornou-se hoje o mais adequado instrumento para classificar a posição social do indivíduo (GAULEJAC, 2007), com isso ele segue a negligenciar as demais obrigações da vida adulta, sempre em busca de reconhecimento generalizado. Nesta busca, o estresse está presente, este trabalhador percebe que em prol do trabalho e da busca por reconhecimento, e conseqüente satisfação na sociedade líquido-moderna, está agindo de uma forma incorreta. Percebe que não será um bom exemplo para seus filhos, que o sucesso no trabalho pouco serve como exemplo paterno. Contudo, “as qualidades do bom trabalho não são as mesmas do bom caráter” (SENNETT, 2009b, p. 21). Para este trabalhador, o estresse é visto como um mal necessário, o conveniente é se adaptar, canalizando seus efeitos nocivos (GAULEJAC, 2007).

Semelhante com a reflexão de Sennett, Gaulejac (2007, p.239) também se questiona sobre a importância de deixar para nossos filhos uma sociedade solidária, entretanto, seria preciso, para atingir tal objetivo “recusar a luta pelos lugares, que obriga cada indivíduo a provar sua utilidade para ter uma existência social”.

O conflito entre família e trabalho, incitado pelas novas relações na sociedade líquido-moderna, provocam, ainda, outras reflexões que indagam os indivíduos. Sennett (2009b, p. 27) questiona:

Como se podem buscar objetivos de longo prazo numa sociedade de curto prazo? Como se podem manter relações sociais duráveis? Como pode um ser humano desenvolver uma narrativa de identidade e história de vida numa sociedade composta de episódios e fragmentos?

E para tais questionamentos o autor conclui: a explicação mais ampla do dilema moderno é que o capitalismo de curto prazo corrói o caráter do homem, sobretudo as qualidades de caráter que ligam os seres humanos uns aos outros (SENNETT, 2009b).

Na sociedade líquido-moderna são comuns os casos onde o trabalhador consegue perceber a desproporcionalidade de suas atitudes em prol de sua atividade profissional, as lacunas em sua vida pessoal e familiar, longe das redomas do ambiente de trabalho, provocam, em diversos casos, angústias e mal estar. Entretanto, apesar das lamúrias, os indivíduos inseridos nesta sociedade tendem a seguir em frente (SENNETT, 2009b). Em sua obra, Sennett (2009b, p. 19) relata o drama de um jovem chefe de família. “Ele temia que as medidas que precisava tomar e a maneira como tinha de viver para sobreviver na economia moderna houvessem posto sua vida emocional, interior, à deriva”

Nesta sociedade até as questões primordiais como o “compromisso” e a “lealdade” se alteram. O dizer “Não há longo prazo”, é um princípio que corrói a confiança, a lealdade e o compromisso mútuo. No ambiente familiar este entendimento se perpetua, não muito diferente do ambiente profissional “Não há longo prazo” significa mudar, não se comprometer e não se sacrificar (SENNETT, 2009b).

Na sociedade de consumo, a forma de comportamento será determinada pela ideologia do capital. Ideologia esta que instalou um estilo de vida líquida característico da sociedade líquido-moderna (BAUMAN, 2009b). A sociedade entende que consumir não é apenas comprar e destruir como anteriormente, hoje consumir é pertencer a um mundo (LAZZARATO, 2006).

As condições legais também são alteradas. Não necessariamente todas elas, contudo, uma grande flexibilização nas leis do trabalho pode ser observada nos últimos anos. Este é mais um reflexo da sociedade do consumo, onde a velocidade de consumo e descarte é preponderante, onde as incertezas são constantes e naturalmente o trabalho sofre as consequências da desenfreada corrida. Neste cenário os exemplos das afirmações acima são: o aumento de maneira acentuada dos contratos de trabalho em meio-período, o aumento dos trabalhos temporários e, até, a proliferação daqueles trabalhos que nem mesmo têm contrato assinado ou registro do empregado com carteira de trabalho, os chamados trabalhos informais (BAUMAN, 2009b).

Estes acontecimentos são estimulados por um entendimento de que devemos fazer o máximo possível, a qualquer custo, lembrando sempre que somos a mercadoria e ao mesmo tempo os promotores de venda da mesma. Como afirma Bauman (2008), o mercado de trabalho é um dos mercados de produtos onde os

indivíduos inscrevem suas vidas, onde tornam-se mercadorias e o destino que toda mercadoria almeja é ser consumida. Neste entendimento que se concentra o esforço das pessoas, sempre tentando manter-se uma mercadoria vendável. Sonho na sociedade do consumo é tornar-se uma mercadoria desejável, comprável e mesmo que diferente das demais mercadorias onde no momento da compra o bem passa a pertencer exclusivamente ao seu novo proprietário, o trabalhador permanece livre, mas não completamente (BAUMAN, 2008).

Cada empregado é seu próprio patrão, o indivíduo se autocontrola, e desta forma o poder das organizações parece não encontrar limites. As organizações esperam que seus empregados se entreguem de “corpo e alma”, eles devem sacrificar tudo pelas carreiras (GAULEJAC, 2007). Como afirma Gaulejac (2007), no universo competitivo o sentido da razão se resume em ser campeão, em ser o número um.

Não é novidade tal entendimento, ainda no início do século XX, Max Weber apresentava as características e as ambições do indivíduo inserido na, até então emergente, doutrina capitalista. “Lembre-se que o tempo é dinheiro” (WEBER, 1985, p. 19). Com tais palavras o autor retratava a obsessão de reduzir o tempo ocioso, como lazer ou outras atividades que só provocariam gastos ao indivíduo. A obra de Weber (1985) apresenta que os prejuízos provocados pela simples decisão de não produzir momentaneamente, promove perdas tão grandes a ponto de serem comparadas a atos de negligência por parte do indivíduo. O autor ainda reforça o entendimento, quando afirma que qualquer prejuízo nesse sentido pode ser ainda pior em longo prazo.

Cabe ressaltar que a comparação com os séculos anteriores não pode mais ser feita com inocência. Diferente de outrora, não mais apenas o dinheiro como sobrevivência está em jogo neste cenário, mas o estilo de vida, o poder ou potencial futuro de consumo e de aquisição interferem cada vez mais nas decisões das pessoas (BAUMAN 2009a).

Outros fatores fortaleceram este entendimento ao longo dos anos. Por exemplo, a globalização descrita por Carvalho Ferreira (2002) é contribuinte desta aceleração que, com sua visibilidade assume contornos cada vez mais pertinentes. O autor relata que isso é observável através da padronização espacial e temporal dos investimentos, das fusões, aquisições e concentração de bens e serviços, tudo em um nível mundial.

Ele ressalta que esta globalização não estrutura somente a produção e o consumo em massa, mas gera mudanças substanciais no domínio da organização do trabalho, nos processos de socialização e aculturação dos indivíduos e dos grupos.

Carvalho Ferreira (2002) aponta a integração da tecnologia no quadro da racionalização instrumental do capitalismo. Este fenômeno permitiu o deslocamento territorial, em tempo real, da energia, da informação e do conhecimento personificado no fator da produção, o que contribui para o aumento da racionalização da organização do trabalho. É a partir deste novo cenário, mas principalmente dos novos entendimentos sociais, que o indivíduo pode ter maiores aspirações.

A valorização da flexibilidade e da polivalência dos trabalhadores que se adequam aos ditames da concorrência internacional, leva ao entendimento de que a estabilidade apenas se dará na relação com os trabalhadores qualificados e em funções estratégicas. Os demais serão descartados, ou terão suas relações com as organizações a partir de precários contratos (CARVALHO FERREIRA, 2002).

Assim como outros autores, Bauman (2009b) alerta para as incertezas constantes e a precariedade da vida líquida, o autor revela que o indivíduo vive na insegurança, pois corre o risco de ficar para trás, ao não conseguir acompanhar a rapidez dos eventos. As chances amplas de vitória recaem apenas sobre as pessoas mais flexíveis, para as quais espaço pouco significa e distância não é problema. Estas pessoas se sentem em casa em qualquer lugar, mas em nenhum deles em particular, sendo verdadeiros nômades da atualidade.

E é este entendimento, generalizado na sociedade líquido-moderna, que estimula a entrega total do indivíduo as suas atividades profissionais. Onde o indivíduo não vê saída, ou se adapta ou perecerá.

2.2. O FUTEBOL NA PERSPECTIVA DO TRABALHO IMATERIAL

Há algumas décadas no Brasil, o futebol deixou de ser apenas um esporte. Esta afirmação não se faz apenas pelo fato de o futebol ter seguido o caminho de tantos outros esportes e iniciado uma era de profissionalizações. Esta declaração se

firma em justificativas muito mais relevantes. O futebol exerce, hoje, uma influência sem tamanho junto à população nacional. Podemos, rapidamente, citar exemplos na esfera sociocultural, uma vez que, o futebol tem a capacidade de ignorar, absolutamente, qualquer distinção racial ou econômica. Dificilmente se percebe em outro ambiente, condições para a plena integração de jovens das mais diversas etnias e, principalmente, das mais diversas classes sociais (ABRAHÃO e SOARES, 2009).

Contudo, esta importância do futebol vai além da esfera sociocultural, ela permeia o universo econômico e, ainda, o político. Getulio Vargas, na década de 30, já se fazia valer do futebol para provocar na população um sentimento nacionalista (PARDINI, 2009), por sua vez, o governo militar, na década de 70, também lançou mão do grande poder do futebol para despertar na população sentimentos de patriotismo (FERREIRA, 2011).

Dados os importantes fatos sociais, culturais e políticos, vemos, hoje em dia, também na esfera econômica o poder avassalador do esporte. O futebol movimenta atualmente cifras incalculáveis, nunca, na história, jogadores de futebol receberam salários tão altos, nunca as emissoras de televisão pagaram valores tão elevados pelo direito de transmitir as partidas e as competições e, nunca o investimento em marketing esportivo foi tão intenso, e claro, tão lucrativo.

Em especial, esta esfera, a econômica, mas não esquecendo as demais, habilita a abordagem da profissão neste estudo. O futebol não deve mais ser visto como mero esporte, nem como mera profissão e o fato dele interferir com tanta propriedade na vida de tantas pessoas, faz com que ganhe tal importância.

Assim é o futebol, profissão de prestígio, cobiçada por muitos e responsável por muitas carreiras de sucesso. Com estas prerrogativas, vemos o futebol inserido em um ambiente globalizado e, igualmente, instalado em uma lógica capitalista (AZEVEDO, 2008). Desta forma, não surpreende ver no profissional do futebol, grande empenho e dedicação.

Cabe aqui, ressaltar que na busca por seus objetivos o profissional do futebol emprega toda a sua habilidade e o resultado deste trabalho, não necessariamente será tangível, podendo apresentar resultados intangíveis. Além disso, como afirma Gorz:

Ninguém é capaz de dizer com precisão onde, no contexto social, o inventivo trabalho do saber começa, e onde termina. Ele pode estar numa atividade de lazer, num hobby, num serviço extra. Aliás, não existe uma relação de equivalência entre formas de saber e conteúdos: eles são intercambiáveis. Todo saber pode valer por um valor particular único e incomparável. Porém é exatamente o que tem de incomparável que acaba sendo utilizado pelo capital (GORZ, 2005, p. 10).

Torna-se difícil definir a atividade do jogador de futebol, pois como citado por Gorz (2005), não é claro o entendimento de onde começa este intangível trabalho do saber, nem onde termina. Neste entendimento, a única certeza que impera é que no futebol encontramos elementos materiais e imateriais.

Vemos na obra de Pelbart (2000), a comparação da produção material com a produção imaterial. O autor reafirma a eterna ligação entre as duas, confirmando que no trabalho imaterial encontraremos diversos elementos materiais. A grande diferença entre os dois está no resultado do trabalho imaterial, pois, diferente do primeiro, o trabalho imaterial produz coisas imateriais.

Especificamente no caso do futebol, Azevedo (2009) afirma que não encontraremos apenas características quantificáveis e mensuráveis, o que definiria os trabalhos materiais, nele encontraremos, também, elementos imateriais, não mensuráveis, não quantificáveis além de clara subjetividade. Para o autor, o futebol é caracterizado pelos aspectos da subjetividade humana, como o talento ou dom, como a imagem do jogador e o espetáculo que caracterizam a imaterialidade desse trabalho.

O trabalho imaterial é rico em atividades corporais, intelectuais e criativas, e deste resultam, diferente do trabalho material, resultados intangíveis (GRISCI, 2008). Segundo Gorz (2005) o profissional pós-fordista deve incluir em suas atividades, sua bagagem cultural, e esta é adquirida em jogos, esportes em equipe, lutas e outras disputas, entre outras. São estas atividades extras que propiciam ao trabalhador uma capacidade de improvisação, de cooperação. É este entendimento que permite observar a imaterialidade da prática do futebol.

Por isso, pode-se perceber no futebol a imaterialidade, ela se apresenta na criatividade do jogador que executa os movimentos, onde suas ações não são formadas apenas nos treinos diários, mas no somatório de todos os seus saberes, tanto os futebolísticos quanto os não futebolísticos e, também, nos tempos flexíveis de execução das jogadas e na impossibilidade de replicá-las, considerando que, mesmo quando ensaiadas, as jogadas não serão idênticas quando repetidas.

Assim como Azevedo (2008; 2009), não ignoraremos a materialidade do futebol, pois essa é indiscutível. Neste ambiente além de salários, vemos, cotidianamente, uniformes, chuteiras, equipamentos, como: bolas, caneleiras, luvas entre outros. Podemos relacionar também, campos de treinamento, estádios para os jogos, ingressos, venda de alimentos, lembranças e mais uma série de itens relacionados ao esporte.

Outro item que reforça o conceito de materialidade no futebol está no corpo do trabalhador, ele envolve diretamente o trabalho físico ou do corpo físico. A atividade do jogador é inseparável da atividade física, onde há o uso do próprio corpo nos treinos e nos jogos. Neste entendimento, “o corpo do jogador é o objeto do trabalho, que se assemelha com o chamado trabalho braçal; ou com o trabalho dos garis ao recolherem o lixo nas residências, os motoristas de coletivos, os operários da construção civil,” (AZEVEDO, 2008b, p. 3) entre outros.

Todavia, a imaterialidade deve ficar clara. Podemos usar como exemplo os campos midiáticos, como a televisão e a internet, que circundam e patrocinam o esporte da alta competição, como o futebol, elas constituem bases exteriores do trabalho imaterial do jogador, reforçando positivamente ou negativamente sua carreira e sucesso no mercado (AZEVEDO, 2008b).

No que se refere ao trabalhador do futebol, o imaterial se distingue como uma qualificação individual, que se chama talento esportivo. Esse talento que transforma o jogador em mercadoria, mas os elementos para mensurá-lo não são materiais.

Nesta transformação “o próprio saber torna-se, ainda mais, uma mercadoria-chave” (HARVEY, 2004, p. 151). Pois as matérias-primas da criação imaterial são: os conhecimentos, as opiniões e as idéias que circulam pela sociedade (Lazzarato, 2006).

Podemos acrescentar aos argumentos, “o fato de que o produto do trabalho imaterial, ao ser consumido, não mais permanece com o seu consumidor como permaneceria o produto do trabalho material” (AZEVEDO, 2008b, p. 2). Assim como nos *shows* musicais, ou peças teatrais, ao mesmo tempo em que o produto do trabalho imaterial é produzido, os consumidores deste produto fazem seu consumo total. Este resultado não pode ser guardado ou estocado.

Para Lazzarato & Negri (2001), a perspectiva do trabalho imaterial está relacionada ao ciclo produtivo e à subjetividade. O trabalho imaterial aqui é aquele impregnado com as características da nova economia, e estas características não

estão presentes apenas na indústria. Os autores exemplificam a produção imaterial com a produção audiovisual e a publicidade, nestes exemplos “a distância do modelo Taylorista é máxima” (LAZZARATO e NEGRI, 2001, p. 45).

Para Lazzarato (2006), o trabalho imaterial vai além da produção tangível, ele se diferencia do trabalho material na capacidade de “agir sobre as crenças e sobre os desejos, sobre as vontades e inteligências, ou seja, agir sobre os afetos” (Lazzarato, 2006, p.32).

Por sua vez, Azevedo (2008b) percebe o afeto como outro aspecto da imaterialidade na profissão do jogador de futebol: o “‘afetivo’ (grupos de jogadores em colaboração e entre-ajuda) e ‘intelecto’ – (a inteligência esportiva que demarca a qualidade, a técnica e o estilo do jogador para atuar no campo de jogo, que pode-se denominar como ‘talento esportivo’)” (AZEVEDO, 2008b, p. 3). Azevedo (2008b) lembra, entretanto, não constitui uma regra, pois percebe-se no mercado do futebol jogadores bem sucedidos e que não dispõem destes requisitos. Neste caso, o “talento individual”, conhecida característica da produção imaterial no esporte, garante o sucesso destes jogadores (AZEVEDO, 2008b).

Neste “talento” que se percebe o “dom”, a agilidade física dos movimentos do corpo e dos reflexos, a precisão dos chutes e a noção do tempo na execução do movimento, além da tomada de decisão em milésimos de segundo. Todos esses procedimentos que definem um jogador talentoso de outro não talentoso, que enriquecem de imaterialidade o futebol.

2.2.1 Hipersolicitação em contexto de trabalho imaterial

Vivemos hoje uma dura realidade, onde a competição profissional parece justificar todos os tipos de comportamentos. Bauman (2008), alerta que na sociedade do consumo a maioria dos bens valiosos perde seu brilho com rapidez e que a perda de tempo leva este bem a um único destino, o depósito de lixo.

A partir do entendimento de Bauman (2008; 2009b), que o sujeito se torna mercadoria na sociedade do consumo, as colocações de Gaulejac (2007, p. 170), ganham nova importância: “a vida não tem mais outro sentido a não ser ultrapassar os outros e não se deixar ultrapassar”. Sendo esta a realidade o indivíduo se coloca

em posição de resignação, onde atividades de outra esfera que não a profissional acabam sendo reajustadas ou esquecidas.

A teoria do capital humano faz com que o homem se torne um empreendedor do seu corpo e de suas tarefas. As atividades profissionais invadem aos poucos o espaço privado. A gestão instala um escritório no domicílio do trabalhador, o que restava de “tempo livre” agora está dominado por preocupações de rentabilidade. Se não há mais tempo certo para realizar o trabalho, igualmente não haverá mais espaço para realizá-lo (GAULEJAC, 2007).

Segundo Pelbart (2000), o capitalismo reforça a imaterialidade no trabalho, pois ele exige, cada vez mais, a aplicação de subjetividade nas práticas profissionais.

“A condição do trabalho imaterial é a produção de subjetividade, o conteúdo do trabalho imaterial é a produção de subjetividade, o resultado do trabalho imaterial é a produção de subjetividade” (PELBART, p. 37, 2000). Neste cenário, como diria Pelbart (p. 37, 2000), “o capital engoliu a vida”, pois os tempos que dividiam as tarefas de trabalhar, lazer, estudos e consumo se misturaram.

Lazzarato e Negri (2001) corroboram com este entendimento, os autores afirmam que trabalho imaterial é o trabalho intangível que já não pode ser mensurado em termos de hora-homem, que não se limita ao espaço da empresa, muito menos à jornada de trabalho. Segundo os autores (LAZZARATO e NEGRI, 2001, p.30), no trabalho imaterial “é quase impossível distinguir entre o tempo produtivo e o tempo de lazer”. Os autores apresentam o trabalho imaterial como algo que não se restringe à empresa e às atividades de produção intelectual que elas desenvolvem.

Ao contrário do que alegavam os defensores do fim do trabalho, as técnicas utilizadas atualmente exigem ainda mais do indivíduo. O raciocínio é que, se hoje ganham várias vezes mais do que ganhava um trabalhador no século passado, hoje eles devem trabalhar várias vezes mais e mais rápido (GAULEJAC, 2007). O autor explica que esta forma de raciocínio, diferente do que se possa pensar, não se aplica a partir dos controles minuciosos, mas sim dos dispositivos que consistem em mobilizar o indivíduo sobre os objetivos e os projetos; e como os horários de trabalho não são mais suficientes para obtenção deste resultado, a fronteira entre jornada de trabalho e tempo livre vai se tornar cada vez menos identificável (GAULEJAC, 2007).

Tornar os corpos “úteis e dóceis” não é mais o foco da gestão, o objetivo é canalizar o máximo suas energias com o intuito de transformá-las em força produtiva (GAULEJAC, 2007). Trata-se, portanto, não de regulamentar o emprego do tempo e sim de obter uma disponibilidade permanente para que o máximo de tempo seja destinado à obtenção dos objetivos fixados, o sucesso da empresa (GAULEJAC, 2007).

Como resultado, a mobilização passa a ser uma exigência, o indivíduo deve ser motivado para atingir seus objetivos com entusiasmo e determinação. Cada trabalhador deve sentir-se responsável pelos seus resultados, como exigência para desenvolver as suas competências e os seus talentos (GAULEJAC, 2007), e mesmo quando o indivíduo percebe injustiça ou excessos nas atividades que desempenha, a exigência permanece a mesma, ele deve adaptar-se ao “tempo do trabalho”. A adaptabilidade e a flexibilidade são exigidas em mão única: “cabe ao homem adaptar-se ao tempo da empresa e não o inverso.” (GAULEJAC, 2007, p. 79), assim respondendo afirmativamente à hipersolicitação.

Desta forma, não são raros os casos como o relatado por Sennett (2009b), onde o autor afirma que há, por parte do indivíduo, o entendimento de que muitas vezes suas jornadas de trabalho são excessivas. Entretanto, esta prática da gestão está legitimada na nova sociedade. Como relata Gaulejac (2007, p.124), “não temos escolha: ou aceitamos isso ou vamos embora”.

Assim mesmo entendidos dos excessos que cometem, e cientes muitas vezes da frequente anarquia em que mergulham suas famílias, além do abandono dos filhos os quais as necessidades não podem ser programadas para se encaixarem nas necessidades de seu trabalho, os trabalhadores continuam a desempenhar suas tarefas profissionais (SENNETT, 2009b). A organização apresenta muitas vantagens e obrigações e com elas o indivíduo experimenta a satisfação e a angústia. É essa angústia a ferramenta que faz com que o trabalhador invista totalmente seu tempo em seu trabalho (GAULEJAC, 2007).

Assim é a vida “agorista” (BAUMAN, 2008, p. 50) as oportunidades que aproveitamos nos seguem até o túmulo e as não aproveitadas não nos darão uma segunda chance. Com este entendimento, podemos atestar que vivemos hoje a hipersolicitação. “O trabalho não consiste mais em realizar uma tarefa predefinida em tempos e horas, mas em realizar desempenhos. É preciso ser mais rápido, mais

preciso, mais ativo, mais concreto” (GAULEJAC, 2007, p. 87), “a demora é o *serial killer* das oportunidades” (BAUMAN, 2008, p. 50).

Ao mesmo tempo em que as cobranças ganham força, de maneira determinante, contribui a lógica do trabalho imaterial. Ela não mais permite que se mantenham ilusões acerca da existência de fronteiras que delimitem o trabalho e a vida numa denominada jornada de trabalho. Conjuntamente, a produção em massa de novas tecnologias, de novos talentos e principalmente, de novos competidores, além do descarte que se percebe como procedimento natural para os que obtém o insucesso, o indivíduo da sociedade líquido-moderna não se permite “cochilar”, devendo estar integralmente ligado, conectado, sempre pronto para atender a uma chamada, dar uma idéia, se deslocar para algum lugar, ou seja, em comum acordo com as cobranças das organizações os trabalhadores legitimam essa doação de toda sua força, de toda sua energia, de todo o seu potencial. É esta mobilização total a favor do projeto organizacional que redundará a hipersolicitação (OLTRAMARI, 2010).

Por hipersolicitação, entende-se, portanto, a sobrecarga de trabalho que sofre o profissional. Porém, não necessariamente é vista como anormal, podendo ser aceita voluntariamente pelo trabalhador. Neste caso, constitui uma fonte de orgulho, mesmo podendo ser responsável por queixas, tratando-se de um superinvestimento no trabalho por parte do trabalhador (GAULEJAC, 2007).

Para Lazzarato e Negri (2001) a mobilização total à empresa é resultado de um processo de sedução conduzido pela organização, com a finalidade de tornar o trabalho imaterial produtivo o projeto organizacional.

Segundo Azevedo (2008):

O próprio Marx, em seus escritos, já havia feito uma previsão de mudanças no capitalismo e, em especial, na esfera do trabalho, idealizando o surgimento de uma forma avançada em relação ao trabalho abstrato simples, da época de Adam Smith, que era considerado como fonte de valor. A mensuração e quantificação da produção em relação ao tempo gasto, paulatinamente, passam a ser substituídos por uma complexidade crescente em termos de padrões. Aliás, nos *Grundrisse*, Marx apontava que o conhecimento se tornaria a principal fonte de riqueza e que o trabalho imediato, quantificável e mensurável deixariam de ser a medida dessa riqueza criada, e esta dependeria cada vez menos do tempo e da quantidade de trabalho requeridos, exigindo mais do nível geral da ciência e do progresso da tecnologia.

Bauman (2009b), por sua vez, alerta para a obsolescência das condições de ação ou das estratégias de reação no mundo empresarial, dado o envelhecimento rápido que a atual sociedade imprime aos procedimentos em geral. Desta forma, as mudanças se dão de forma tão dinâmica que os atores não tem tempo nem para aprendê-las. Esta realidade provoca um aumento ainda maior na carga horária profissional, não necessariamente dentro do local de trabalho.

Como afirma Sennett (2009b), uma característica do cenário atual do trabalho se dá na flexibilização do tempo e da jornada de trabalho, o ponto negativo é que o trabalhador perde a noção do controle que está atuando sobre ele. Como apresenta Sennett (2009b, p. 68)

Se o flexitempo é a recompensa do empregado, também o põe no domínio íntimo da instituição. Vejam o mais flexível dos flexitempos, o trabalho em casa. Esse prêmio causa grande ansiedade entre os empregadores; eles temem perder o controle sobre os trabalhadores ausentes, e desconfiam de que os que ficam em casa abusam dessa liberdade. Em conseqüência, criou-se um monte de controles para regular os processos de trabalho concreto dos ausentes do escritório. Exige-se que as pessoas telefonem regularmente para o escritório, ou usam-se controles de intra-rede para monitorar o trabalhador ausente; os *e-mails* são frequentemente abertos pelos supervisores. [...]. Um trabalhador em flexitempo controla o local do trabalho, mas não adquire maior controle sobre o processo de trabalho em si. A essa altura, vários estudos sugerem que a supervisão do trabalho muitas vezes é na verdade maior para os ausentes do escritório que para os presentes. Os trabalhadores, assim, trocam uma forma de submissão ao poder - cara a cara - por outra, eletrônica.

“A liberdade de ir e vir esconde um controle à distância” (GAULEJAC, 2007, p. 119). “Não se trata mais de uma disponibilidade obrigatória durante as horas de trabalho, mas de uma disponibilidade permanente e livre” (GAULEJAC, 2007, p. 112).

Nestes moldes, as organizações afirmam que o comprometimento é a chave do sucesso. Procurando provocar o comprometimento de todos a fim de reforçar a adesão do pessoal. A ausência de implicação torna-se a chave explicativa do fracasso (GAULEJAC, 2007).

Se por um lado, o fascinante acesso a internet possibilita às pessoas estarem em qualquer lugar, assim como o uso de telefones celulares, bem como de outras ferramentas, que facilitam o contato com os clientes, os colegas de trabalho e por fim com o próprio trabalho; por outro, todas essas facilidades fazem com que as pessoas se sintam presas a essa “ditadura do ‘tempo real’” (GAULEJAC, 2007). Neste caso, os efeitos de tal ditadura podem ser percebidos através do sentimento

de obsolescência das pessoas, oriundo de algumas horas sem ser contatado, sem receber um e-mail ou sem receber uma ligação profissional no telefone celular. Por fim, como objetivo final do trabalho, não basta “ser bom” e desempenhar bem suas funções profissionais. Neste novo cenário o importante é realizar “sempre mais, fazer sempre melhor, sempre mais rapidamente, com os mesmos meios e até com menos” (GAULEJAC, 2007, p. 41). Concluindo, “o essencial não é mais fazer bem, e sim de fazer sempre melhor, de ganhar sempre mais” (GAULEJAC, 2007, p. 144)

Obviamente, este cenário é propício para o desenvolvimento de problemas relacionados à saúde, Ghisleni e Merlo (2005) alertam sobre as patologias no ambiente profissional, referentes ou agravadas pela hipersolicitação. Embora o estudo dos autores não trate da especificidade do meio esportivo, não são incomuns as lesões no ambiente do futebol, podendo ser provocadas, ou não, por hipersolicitação.

Gaulejac (2007), também alerta para as doenças referentes à mobilização total do indivíduo em “sintoma de superatividade”. Além disso, o autor faz ressalvas inclusive à saúde dos familiares que acompanham a hipersolicitação do profissional. Trata-se de um alerta quanto às consequências das cobranças que sofrem os profissionais, não diferente os jovens atletas, e, como esta interferência, já relatada por Gaulejac (2007), junto aos familiares também interferirá nas alterações dos estilos de vida.

Entretanto, a competitividade na sociedade líquido-moderna não permite desatenções. Desta forma as preocupações com saúde recebem cuidados cada vez menores, pois o cenário é dinâmico e extremamente competitivo. Como afirma Sennett (2006, p. 107), “as empresas de ponta e as organizações flexíveis precisam de indivíduos capazes de aprender novas capacitações” (Sennett, 2006, p. 107), ou seja, um indivíduo que está em constante aperfeiçoamento e que nunca pára, pois as exigências são cada vez maiores.

O conhecimento, assim como outras capacitações, torna-se ultrapassado quase no mesmo momento em que é produzido. Conforme Sennett (2006, p.91), “quando adquirimos uma capacitação, não significa que dispomos de um bem durável”.

Como Bauman (2001) apresenta, referindo-se a uma das obras de ficção de Lewis Carroll, devemos manter a velocidade máxima para permanecer onde estamos. Se o objetivo for outro, então devemos acelerar mais.

Assim, com pouca prudência e muita dedicação, o indivíduo segue sua jornada em busca de objetivos cada vez mais imediatos, uma vez que, quanto mais distantes forem os objetivos, menos claros eles parecem.

É nesta realidade que se propõe o presente estudo, onde as características da sociedade líquido-moderna permeiam, cada vez mais, os contornos do trabalho contemporâneo, interferindo nos estilos de vida dos envolvidos no futebol, que, assim como em outros ambientes, podem apresentar sintomas de hipersolicitação.

A seguir são apresentados os procedimentos metodológicos deste estudo.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A seguir, serão apresentados os procedimentos metodológicos utilizados para a realização deste trabalho.

3.1 MÉTODO

Este trabalho trata inicialmente de um tema já consolidado na literatura atual, uma vez que, trabalho imaterial e hipersolicitação são assuntos muito discutidos em literaturas específicas e em trabalhos acadêmicos (GORZ, 2005; GAULEJAC, 2007; GRISCI, 2008). Nesta linha, o campo onde foram realizadas as coletas de dados apresenta-se como um cenário que recebe grande atenção por parte das pesquisas acadêmicas (RODRIGUES, 2003; ABRAHÃO e SOARES, 2009). Todavia, a abordagem do meio esportivo, a partir das referências das ciências sociais aplicadas, constitui um esforço novo. A análise das categorias de base de um clube de futebol sob a ótica da gestão, na tentativa de identificar elementos que as assemelhem com outros ambientes profissionais, representa uma inovação, onde os resultados podem contribuir para um novo enfoque, tanto na administração quanto no esporte.

Assim, buscou-se responder a questão de pesquisa por meio de técnicas qualitativas, esta opção se fez pelo fato de o referido campo não receber, habitualmente, pesquisas sob o enfoque mencionado, o que levou este trabalho a ser visto como exploratório. Para tanto, realizou-se um estudo de caso com jovens atletas das categorias de base do CLUBE, estratégia indicada por Yin (2001), que visa responder questões do tipo "como" e "por que".

3.2 QUESTÃO DE PESQUISA

O trabalho imaterial de jovens atletas das categorias de base do futebol apresenta elementos condizentes com a hipersolicitação do trabalho? Em caso afirmativo, como eles interferem nos estilos de vida desses jovens atletas?

3.3 SUJEITOS DA PESQUISA

Os dados coletados neste trabalho foram obtidos através de entrevistas com jovens atletas das categorias de base do CLUBE. Alguns destes atletas residem nas instalações do CLUBE e outros em endereços próprios na cidade, normalmente esta situação se configura pela presença ou não das famílias na cidade de Porto Alegre ou sua região metropolitana. Os jovens pesquisados têm trajetórias diferentes, sendo uns frequentadores do CLUBE há muitos anos e outros recém chegados de outros clubes espalhados pelo país. Cabe ressaltar que todos os jovens entrevistados, indiferentemente do tempo em que treinam no CLUBE, tem uma passagem longa por categorias de base do futebol. Foram entrevistados apenas os atletas civilmente capazes, maiores de 18 (dezoito) anos.

Para atingir plenamente os objetivos desta pesquisa, conjuntamente com as entrevistas dos atletas, foram ouvidos alguns profissionais que integram a comissão técnica das categorias de base do CLUBE. A comissão técnica das categorias de base é composta por: coordenadores, técnicos, preparadores físicos, nutricionistas, assistentes sociais, entre outros, todos profissionais contratados pelo CLUBE, que trabalham junto às equipes de futebol, gerindo e administrando todas as atividades dos diversos grupos divididos por categorias de idade.

Estes profissionais desempenham diversas funções na base do clube, por exemplo: treinadores que trabalham com grupos de idades diferentes, profissionais de condicionamento físico, responsáveis pelo trabalho técnico/tático e ainda, profissionais da coordenação geral das categorias de base do CLUBE.

Foram entrevistados 20 (vinte) jovens atletas e 5 (cinco) profissionais da comissão técnica, pessoas que durante a pesquisa foram consideradas elementos chave para este estudo.

Por fim, por força da legislação estadual e federal, julga-se importante explicar que ao contrario do que popularmente se entende, todos os jovens com mais de 16 anos e que atuam pelas diversas equipes das categorias de base têm contratos profissionais firmados. Neste sentido a diferença entre estes atletas e os que integram a equipe “profissional” é apenas cultural, uma vez que há algumas décadas os jovens só eram profissionalizados quando ascendiam ao grupo principal⁶, motivo pelo qual, popularmente as categorias de base são conhecidas, até hoje, como “departamento amador”, mesmo atualmente contando com um grande número de jovens profissionalizados e remunerados.

Os quadros a seguir apresentam, de forma sintetizada, a relação de entrevistados e algumas de suas características.

Quadro 1 - Caracterização dos participantes da pesquisa: Profissionais da Comissão Técnica

Nome	Idade	Cargo	Tempo no clube	Formação
P1	39 anos	Auxiliar Técnico	9 anos	Grad. Educação Física Pós-Grad. Treinamento Desportivo
P2	37 anos	Coordenador	8 anos	Grad. Educação Física Pós-Grad. Psicopedagogia Pós-Grad. Futebol - Metodologia do Treino
P3	29 anos	Técnico	6 anos	Grad. Educação Física
P4	30 anos	Treinador de goleiros	4 anos	Grad. Educação Física Pós-Grad. Treinamento Desportivo
P5	47 anos	Coordenador	3 anos	Grad. Educação Física Pós-Grad. Administração Educacional

Fonte - Elaborado pelo autor

⁶ Equipe profissional adulta, grupo integrado pelos melhores jogadores profissionais, os quais recebem os maiores salários.

Quadro 2 - Caracterização dos participantes da pesquisa: Atletas

Nome	Idade	Tempo no clube	Idade que iniciou em categorias de base	Escolaridade	Naturalidade	Onde a família reside	Estado civil	Possui dependentes
A1	18 anos	8 meses	13 anos	1º - ensino médio	Porto Alegre - RS	Porto Alegre - RS	solteiro	não
A2	18 anos	8 anos	10 anos	médio completo	Viamão - RS	Viamão - RS	solteiro	não
A3	19 anos	4 meses	13 anos	1º - ensino médio	Itaporã - MS	Itaporã - MS	solteiro	não
A4	18 anos	8 anos	10 anos	1º - ensino médio	São Borja - RS	São Borja - RS	solteiro	1 filho
A5	18 anos	3 anos	8 anos	médio completo	Assunção - PAR	Assunção - PAR	solteiro	não
A6	18 anos	8 anos	10 anos	médio completo	Novo Hamburgo - RS	Novo Hamburgo - RS	solteiro	não
A7	19 anos	6 meses	14 anos	1º - ensino médio	Natal - RN	Natal - RN	casado	esposa
A8	18 anos	1 ano	10 anos	médio completo	Monte Negro - RS	Monte Negro - RS	solteiro	não
A9	18 anos	4 anos	11 anos	médio completo	Pariqueira - SP	Pariqueira - SP	solteiro	não
A10	18 anos	1 mês	13 anos	médio completo	Araçatuba - SP	Araçatuba - SP	solteiro	não
A11	18 anos	10 anos	8 anos	médio completo	Porto Alegre - RS	Porto Alegre - RS	solteiro	não
A12	18 anos	8 anos	8 anos	2º - ensino médio	Porto Alegre - RS	Porto Alegre - RS	solteiro	não
A13	19 anos	4 meses	11 anos	médio completo	Uberlândia - MG	Uberlândia - MG	solteiro	não
A14	19 anos	6 anos	12 anos	3º - ensino médio	Quedas do Iguaçu - PR	Quedas do Iguaçu - PR	solteiro	não
A15	19 anos	2 anos	14 anos	médio completo	Ajuricaba - RS	Ajuricaba - RS	solteiro	não
A16	19 anos	1 ano	13 anos	1º - ensino médio	Petrolina - PE	Petrolina - PE	solteiro	não
A17	18 anos	4 anos	14 anos	médio completo	Niterói - RJ	Niterói - RJ	solteiro	não
A18	18 anos	6 anos	7 anos	médio completo	Novo Hamburgo - RS	Campo Bom - RS	solteiro	não
A19	19 anos	2 anos	14 anos	2º - ensino médio	São Lourenço do Sul - RS	São Lourenço do Sul - RS	solteiro	não
A20	18 anos	2 anos	14 anos	médio completo	São Bernardo do Campo - SP	São Bernardo do Campo - SP	solteiro	não

Fonte - Elaborado pelo autor

3.4 COLETA DE DADOS

Para atingir os objetivos propostos, na coleta de dados foram utilizadas entrevistas individuais semi-estruturadas. Esta técnica se mostrou eficiente, pois a entrevista pessoal permite compreender o mundo e a vida dos entrevistados (GASKELL, 2003; ROESCH, 2005), o que era objetivo neste estudo, além de permitir aos entrevistados amplas possibilidades de se expressarem (GIL, 1994). As entrevistas foram gravadas e posteriormente transcritas. Para as entrevistas foram utilizadas questões abertas, visando permitir ao entrevistador entender e captar a perspectiva dos participantes da pesquisa. A entrevista semi-estruturada utilizada é explicada por Godoi, Silva e Melo (2006), como ferramenta que atenta para o significado atribuído pelos entrevistados nas questões e situações relativas ao tema de interesse tendo este como principal objetivo.

Para tanto, foram utilizados dois roteiros de entrevistas, um com os jovens atletas das categorias de base do CLUBE e outro com profissionais integrantes da comissão técnica das categorias de base do CLUBE. Os dois roteiros foram estruturados com três questões fundamentais, mas estas receberam auxílio das demais questões a partir do entendimento e análise das respostas iniciais por parte do pesquisador. Esta iniciativa tem a finalidade de permitir maior liberdade para os respondentes, objetivando não conduzir de maneira restrita o transcurso das entrevistas.

Como fonte de dados secundários pode-se analisar documentos e pesquisas internas disponíveis no CLUBE, além de dados estatísticos anteriormente coletados pelo clube relativos ao aproveitamento dos jovens atletas nos treinos das categorias de base e relativos ao aproveitamento por parte da equipe principal do CLUBE de jovens atletas de suas categorias de base. Este processo foi de grande relevância, pois completou a base de dados que contribuiu nas análises e conclusões sobre o entendimento dos jovens atletas e a construção ou alteração de seus estilos de vida.

A coleta de dados foi realizada entre os meses de julho de 2011 e março de 2012. Estas não eram as datas originalmente previstas, entretanto, algumas dificuldades a seguir descritas levaram à necessidade de estender o período da coleta.

A alta rotatividade dos profissionais da coordenação das categorias de base gerou algum atraso no cronograma pré-estabelecido nesta pesquisa. No período compreendido entre julho de 2011 e março de 2012, houve três substituições no mais alto cargo das categorias de base e a cada troca na coordenação, o pesquisador perdia todas suas autorizações e precisava, novamente, apresentar-se aos profissionais recém contratados, apresentar a pesquisa e reobter as licenças anteriormente concedidas. Outro acontecimento que provocou surpresa se deu no período de férias dos atletas, pois a eliminação precoce em uma competição, fez com que a coordenação entendesse por bem adiantar o período de gozo das férias, anteriormente estabelecido para o mês de fevereiro, o que retardou a coleta por parte do pesquisador.

O acesso ao CLUBE foi propiciado devido a indicações de profissionais conhecidos deste pesquisador, porém, algumas cobranças por parte do clube foram estabelecidas para a concessão de todas as autorizações. Em primeiro lugar a identidade do clube, assim como a de todos os entrevistados, deveria permanecer sob sigilo. Outra exigência tratava da interferência do pesquisador nos trabalhos diários, assim, o acesso total foi concedido, desde que não gerasse reclamações por parte dos integrantes da comissão técnica à ocasião das intervenções do pesquisador.

Assim, o contato com os atletas e os profissionais da comissão técnica ficou restrito aos horários em que os mesmos estavam disponíveis, sempre que os intervalos eram superiores a 30 minutos. Isto se dava com o objetivo de evitar que as entrevistas fossem interrompidas.

Quanto à entrevista propriamente dita, esta apresentava algumas limitações. A grande dificuldade encontrada pelo pesquisador foi a de buscar informações nas palavras dos jovens atletas sem interferir nas respostas durante as entrevistas, contribuindo para esta dificuldade os discursos já padronizados que se escuta muito no ambiente estudado. Neste sentido os dizeres: “graças a Deus” ou “tranquilo” são normalmente utilizados. De qualquer forma, o relevante é que, por vezes, os questionamentos do roteiro das entrevistas eram respondidos de forma extremamente curta e monossilábica, como por exemplo: “bom”, “sim” ou “não”, e, portanto, levavam o pesquisador a refazer a pergunta diversas vezes.

Aparentemente não se observa timidez por parte dos jovens atletas, contudo, o receio de serem alvos das brincadeiras dos colegas provocava alguma

desconfiança. Fato determinante para que as entrevistas fossem conduzidas a distancia não apenas longe dos ouvidos dos demais, mas também dos olhos de todos. Não havia a necessidade de um ambiente fechado, mas pelo menos, de uma distancia “segura” onde o entrevistado tivesse a liberdade de, se fosse o caso, se emocionar, ou criticar o clube, ao falar dos diversos assuntos, não sendo este momento testemunhado por qualquer colega.

Os jovens estão habituados a falar com pessoas estranhas e, principalmente, a ter suas conversas gravadas por dispositivos de áudio. Neste ambiente não são incomuns as entrevistas, respeitando que a grande maioria delas têm fins publicitários ou jornalísticos. Neste sentido a dificuldade relatada na coleta de dados, referente às respostas curtas, provocava questionamentos no pesquisador, pois não estava no suposto constrangimento que alguns atletas poderiam manifestar.

Talvez, o dinamismo no qual são conduzidas as entrevistas de rádio e televisão, faz com que os jogadores criem padrões de respostas. Estes padrões de respostas não surgem da vontade de se omitir dados relevantes, mas da necessidade de se falar rápido.

Entretanto, pode-se afirmar que a realização das entrevistas permitiu, ao pesquisador, não apenas coletar as informações contidas no discurso dos entrevistados, mas mergulhar no dia-a-dia dos atletas e demais profissionais do clube, o que favoreceu o entendimento das diversas questões envolvidas no tema deste trabalho.

A duração média das entrevistas foi de 30 minutos e foram realizadas normalmente nas arquibancadas do estádio do CLUBE, em um setor restrito, onde não era permitido o acesso do público em geral. Neste ambiente o entrevistado e o entrevistador ficavam isolados de qualquer contato com outras pessoas e com vista para o campo vazio ou com treino da equipe principal. Eventualmente, foram realizadas algumas entrevistas em outros locais, no caso dos jovens atletas, nos vestiários, quando vazios e as entrevistas dos profissionais da comissão técnica em alguma das salas da coordenação.

Durante a realização das entrevistas muitas reflexões emergiam acerca da literatura estudada na construção deste trabalho. Para cada frase objetiva proferida pelos entrevistados em resposta a um questionamento específico, uma citação extraída das obras que fundamentam este estudo era associada, na mente do pesquisador.

3.5 ANÁLISE DE DADOS

Os dados coletados foram analisados ao longo do estudo de forma integrada, focados nas premissas iniciais e com vistas à compreensão da questão de pesquisa. A análise se iniciou junto com a primeira entrevista, uma vez que o processo de reflexão do pesquisador se iniciou no ato da coleta de dados, proporcionando os primeiros entendimentos acerca do assunto já no início da pesquisa de campo.

A estratégia analítica mais utilizada para os estudos de casos, conforme Yin (2001), é baseada em proposições teóricas, pois “os objetivos e o projeto originais de estudo baseiam-se em proposições como estas, que, por sua vez, refletem o conjunto de questões da pesquisa, as revisões feitas na literatura sobre o assunto e as novas interpretações que possam surgir” (YIN, 2001, p. 133).

Na etapa de organização e ordenação, todos os dados foram relidos e explorados, para elaboração do mapeamento do que foi coletado. A classificação dos dados, por sua vez, utiliza a questão de pesquisa e o referencial teórico para a separação dos dados relevantes, bem como para sua distribuição em categorias.

Nesta fase, achou-se por bem descrever o clube e suas atividades rotineiras, bem como suas dependências, à luz das entrevistas realizadas com os profissionais e das fontes documentais, tudo com o objetivo de enriquecer a reflexão sobre o contexto onde estão inseridos os pesquisados. Esta etapa permitiu a construção e o melhor entendimento da realidade dos jovens atletas, o que contribuiu para a análise dos dados dentro das categorias estabelecidas anteriormente.

Por fim, a análise final tem como objetivo realizar as articulações entre os dados, as reflexões e a literatura, respondendo à questão de pesquisa e atingindo seus objetivos.

A seguir são apresentados e analisados os resultados deste estudo.

4 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

A apresentação e análise dos resultados encontra-se dividida em quatro enfoques: as características do CLUBE; o futebol na sociedade líquido-moderna; a hipersolicitação em contexto de trabalho imaterial no futebol; e, os estilos de vida dos jovens atletas, os quais surgiram a partir da análise dos dados e do referencial teórico simultaneamente.

4.1 CARACTERÍSTICAS DO CLUBE

O CLUBE é proprietário de um estádio de futebol que tem capacidade para mais de 50.000 (cinquenta mil) lugares, conta com uma grande estrutura física com diversos campos de treinamento que atendem às categorias de base e ao grupo principal. Somam-se a esta estrutura: sala de musculação, ginásio, loja que comercializa produtos exclusivos vinculados ao clube, além de um quadro social que, hoje, supera cinco dezenas de milhares de sócios.

A gestão do CLUBE se faz a partir de um corpo de conselheiros que são eleitos em processo eleitoral particular, onde todos os sócios adimplentes têm direito a voto. Estes conselheiros são responsáveis por eleger a presidência do clube e seus diversos conselhos com funções específicas. É importante ressaltar que caso o Conselho Deliberativo não chegue a um consenso quanto à eleição do futuro presidente e vice, essa eleição é encaminhada para um segundo turno. Nesse caso, todos os sócios adimplentes são convidados novamente a votar, e o candidato que somar o maior número de votos é eleito para o próximo biênio⁷.

Essa gestão e seus diversos conselhos são responsáveis por administrar a contratação e a manutenção de todos os funcionários do clube. Assim, o clube é dividido em: Departamento de Futebol, que, por sua vez, é dividido entre Profissionais e Categorias de Base, Departamento de Marketing, Departamento de Comunicação Social, Departamento Consular, entre outros. Destaca-se que nesta

⁷ Fonte - Estatuto do CLUBE.

estrutura onde os profissionais estão espalhados nos diversos departamentos do CLUBE, existem dois tipos de colaboradores: os não remunerados e os remunerados. Os não remunerados são aqueles que ocupam cargos políticos, são escolhidos diretamente pela gestão atual aos mesmos moldes de um cargo de confiança na gestão pública, mas que, diferente do exemplo da gestão pública, não recebem qualquer remuneração, assim como os conselheiros e todos os envolvidos na diretoria do clube.

Como se pôde perceber nas conversas com P5, esses colaboradores normalmente recebem os cargos de chefias dos diversos departamentos além de qualquer outra função considerada importante pela presidência. São esses colaboradores que conduzem os processos seletivos para a contratação e manutenção de todos os funcionários do clube. Nesse grupo, estão todos os profissionais que desempenham funções ditas como técnicas e/ou práticas, desde atletas de futebol a equipes de manutenção e limpeza.

Essa agremiação participa anualmente de todas as competições organizadas pela Federação Gaúcha de Futebol (FGF) e pela Confederação Brasileira de Futebol (CBF), obviamente respeitando os diversos critérios de classificação instituídos pelos órgãos acima citados. Cabe ressaltar que nos mais de 100 (cem) anos de história do CLUBE, o mesmo obteve conquistas importantes vinculadas a essas competições, o que leva à apresentação de mais uma característica da agremiação, sua torcida.

Atualmente, o CLUBE possui um número de torcedores muito grande, esta soma é difícil de ser calculada, apresentando variação nas diversas pesquisas. Contudo, é notório que a sua totalidade representa um número próximo a 50% da população do Estado do Rio Grande do Sul. Estes torcedores são responsáveis pela maior fonte de arrecadação financeira do clube, a partir do quadro social, da compra de ingressos para as partidas e da aquisição dos diversos produtos comercializados pelo clube e/ou suas conveniadas.

No CLUBE, periodicamente são realizados processos seletivos com o intuito de captar novos integrantes para suas categorias de base. Em suma, quanto mais jovens talentosos dentro dos quadros do clube, mais facilmente o mesmo poderá descartar os jovens menos talentosos. Essa é mais uma realidade que aproxima o ambiente estudado com a teoria da sociedade de consumidores (BAUMAN, 2008).

Como critérios norteadores em suas avaliações, o CLUBE cobra a total disponibilidade dos jovens atletas no que diz respeito à adequação aos horários de

treinamento, aos horários de estudo e à alimentação. É nessa relação que se percebem os primeiros indícios da hipersolicitação descrita por Gaulejac (2007). A exigência se estende para altos níveis de capacidade técnica e física, o que representa potencial para ser profissionalizado no futuro, sendo estes itens determinantes para o aproveitamento ou não das centenas de voluntários que se apresentam nas seleções.

Uma vez aprovados no processo de seleção, os jovens atletas não residentes na região metropolitana de Porto Alegre são alojados nas dependências do CLUBE, afastando-se do convívio diário da família e amigos. Nessas instalações, passam a receber treinamento especializado que busca o aperfeiçoamento das atividades referentes à sua futura profissão, onde se colocarão integralmente à disposição do clube.

Os jovens aprovados passam a receber uma “ajuda de custo”, valores menores que um salário mínimo, definidos pelo clube, que são distribuídos para os jovens desde os 12 anos. Esses valores são corrigidos ao tempo em que os jovens ficam mais velhos e sobem de categoria. A partir dos 16 anos, os jovens firmam contratos profissionais, esses contratos estabelecem os compromissos dos jovens e do clube, assim como valores mensais (salários) que os jovens receberão do clube e valores que o clube receberá por alguma eventual saída dos jovens. Esses salários pagos aos jovens não são fixos, o que se pôde apurar com os profissionais da comissão técnica (P2 e P5) é que giram em torno de R\$ 2.000,00 (dois mil reais), mas existem jovens (exceções) que recebem muito mais, algo em torno de dez vezes o valor médio.

Esta diferenciação salarial se dá pela expectativa que clube e atleta têm em relação ao futuro profissional. Ao firmar um contrato novo, ou a cada renovação de contrato já existente, clube e atleta, o segundo normalmente acompanhado de seu empresário (pessoa que administra a carreira do atleta), chegam a um acordo referente às condições gerais do vínculo profissional entre as partes. Nessa negociação, entre outras coisas, é definido o salário, mas, principalmente, a cláusula de rescisão contratual, ou seja, a multa pela eventual quebra unilateral de contrato. Segundo a legislação federal⁸, no caso de transferência de jogador entre agremiações brasileiras, a multa indenizatória do clube que perde o jogador

⁸ Lei nº 9.615 de 24 de março de 1998. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9615consol.htm. Acessado em 24 de abril de 2012.

profissional, não pode ser maior do que 2.000 (duas mil) vezes o valor do salário pago ao atleta. Dessa forma, se o clube acredita que o jovem atleta tem grande potencial para se tornar um jogador de destaque, o salário oferecido a este atleta será diferenciado, com o intuito de permitir ao clube definir um alto valor para uma eventual saída.

Cabe observar que em nenhum momento ao longo de todas as 20 entrevistas com os jovens atletas foi revelado quanto recebiam de salário. Este é um assunto que, aparentemente, recebe pouca atenção, pois é visível que os atletas percebem o momento atual como intermediário. Os altos salários referidos pela totalidade dos entrevistados é um objetivo que pretendem alcançar na próxima etapa, quando ascenderem ao grupo principal do CLUBE.

Corrobora com esse entendimento o fato de todos os atletas, sem exceções, receberem a mesma cobrança diária. Nessa realidade, um salário mais alto que o dos demais, não garante a permanência do atleta na temporada seguinte. Outro fator relevante trata dos diversos exemplos de jovens atletas que foram apresentados pela mídia como futuros craques e que não confirmaram a expectativa, abandonando as carreiras ou profissionalizando-se em clubes de pequena expressão.

Assim, todos os entrevistados buscam em primeiro lugar a profissionalização (no caso, ascensão ao grupo principal). Atingindo esse objetivo, o alto salário será uma consequência. Nas palavras de A5: “se tu for reconhecido, tu vai ter grana”.

Quanto ao aproveitamento dos jovens atletas pela equipe principal do CLUBE, a estatística é preocupante para os atletas, há muitos anos eles vêm somando baixas: “a gente era em 50 jogadores no infantil, agora somos em quatro ou cinco, menos até” (A14).

Dados de anos anteriores, obtidos no clube, apontam que de 20 atletas da categoria Junior (categoria dos entrevistados), em média três foram aproveitados.

O dado otimista é que, em âmbito nacional, a realidade do CLUBE é mais inspiradora do que a realidade dos demais clubes da série A⁹. Em média, 25% dos jogadores que compõem o grupo principal de algum clube da elite, foram formados nas categorias de base do próprio clube. No CLUBE, esta média se aproxima a 35%.

⁹ Elite do futebol brasileiro - Grupo composto pelos 20 (vinte) clubes classificados para disputar o Campeonato Brasileiro (maior e mais importante campeonato de futebol profissional do país).

Contudo, são diversos os motivos que podem alterar esses dados, para mais ou para menos, frente à média nacional, eles não estão exclusivamente atrelados ao aproveitamento dos jovens atletas, mas também à saída dos jovens aproveitados em anos anteriores.

Em linhas gerais, o alerta sobre a dificuldade de êxito na carreira, se faz pelo fato de existirem no Brasil 20 clubes que integram a série A do futebol brasileiro¹⁰, universo pretendido pelos jovens atletas e, em contrapartida, existirem incontáveis clubes formadores de jogadores, uma vez que, praticamente todos os clubes, sejam eles das séries A, B, C e D, possuem categorias de base. Não esquecendo os diversos clubes que não possuem grupo principal, por isso não são relacionados nas divisões anteriormente descritas, mas que igualmente formam jogadores profissionais que são transferidos ao término de sua formação.

Profissionalizar-se no futebol não é tarefa difícil, contudo, percebe-se que a totalidade dos atletas participantes desta pesquisa, busca, entre os diversos objetivos individuais citados, altos salários, sendo este o item que torna a tarefa extremamente penosa. Para ilustrar esta dificuldade, podemos utilizar os dados da CBF, esses apontam que: apenas 3% dos jogadores de futebol profissional ganham mais de 20 salários mínimos, 80% deles ganham menos de dois salários mínimos e, desses, mais de 40% ganham um único salário mínimo¹¹. Dessa forma, o único lugar com condições de atender os desejos dos jovens atletas é a série A, e, assim, esbarram novamente na estatística aterrorizante, a qual indica haver lugares apenas para poucos.

4.1.1 Alojamento

Conforme relatado anteriormente, o CLUBE possui uma estrutura que permite receber os jovens que não residem na região metropolitana de Porto Alegre. Em linhas gerais, são acomodados no alojamento os jovens dos 12 aos 18 anos. Dessa

¹⁰ Dado obtido em <http://www.cbf.com.br/competicoes/campeonato-brasileiro/serie-a/2012>. acessado em 25 de abril de 2012.

¹¹ Dados da CBF divulgados pela rede Record de televisão, obtidos em <http://videos.r7.com/cbf-revela-que-80-dos-jogadores-no-brasil-ganham-ate-dois-salarios-minimos/idmedia/4e53fd7fe4b0a441cb06f313.html> acessado em 17 de março de 2012.

forma, ao completar a maioria, os jovens deixam o alojamento por determinação do clube e alugam apartamentos nas proximidades do CLUBE. É comum os jovens atletas se reunirem em duplas ou trios para morarem juntos e dividirem as despesas com moradia.

Atualmente, o alojamento tem capacidade para mais de 70 (setenta) atletas. O alojamento divide-se em áreas comuns e por idade. A primeira composta por sala de televisão, sala de jogos, sala de estudos e refeitório e a segunda por dormitórios e vestiários.

Ao ingressar nos corredores do alojamento, chama a atenção a decoração das paredes, estas estão repletas de retratos e imagens de jogadores consagrados no clube e que frequentaram aquelas mesmas instalações. Aparentemente, apresentar os diversos exemplos de sucesso é uma das medidas que o clube adota para estimular os jovens atletas a se adequarem às regras estabelecidas, como apresentado por Gaulejac (2007), Lazzarato e Negri (2001), a organização busca cooptar os indivíduos para comprometê-los com o projeto da organização.

Não houve comentários durante as entrevistas referindo-se às imagens nas paredes dos alojamentos, o que levaria a entender que esta medida não aumenta a pressão por resultados na concepção dos jovens atletas, contudo, no discurso da gestão gerencialista descrita por Gaulejac (2007), fica claro quando o clube, diariamente, apresenta as imagens dos jogadores vitoriosos aos aspirantes a jogadores profissionais. Essa medida visivelmente pretende fazer com que os jovens atletas acreditem sempre no sucesso. Essa crença sim é identificada nos discursos de todos os jovens atletas, principalmente quando questionados sobre o futuro, como podemos ver em: “daqui a alguns anos jogando futebol profissional por algum grande clube” (A2); “espero chegar na seleção brasileira” (A3); “jogar numa equipe de cima, estar conquistando títulos aqui, chegar à seleção um dia” (A16); “viver uma carreira longa no futebol. E depois viver tranquilo” (A19).

O alojamento é fiscalizado por profissionais do clube denominados monitores. Os monitores são responsáveis pelo bem estar nas instalações e pelo exato cumprimento das normas do clube quanto a horário e comportamento. A não observação de alguma dessas normas acarreta ao jovem atleta uma advertência. As advertências são julgadas pela coordenação das categorias de base e podem gerar multas (descontadas dos vencimentos do atleta), suspensão de treinos e até suspensão de jogos de campeonatos, onde na maioria das vezes o atleta é escalado

para servir de gandula¹² dos jogos da sua equipe. Essa medida visa provocar maior desconforto no atleta que, nessa ocasião, poderia estar jogando com os demais companheiros.

Para Gaulejac (2007), a medida disciplinar é ferramenta da gestão para o efetivo domínio dos indivíduos, pois ela:

Mobiliza a psique dos trabalhadores em função do alcance dos objetivos da produção, colocando em ação um conjunto de técnicas que buscam colonizar os desejos e angústias das pessoas colocando-os a serviço da empresa, fazendo com que a energia libidinal se transforme em força de trabalho, encerrando os indivíduos em um sistema paradoxal de uma submissão livremente consentida (GAULEJAC, 2007, p. 37).

O comportamento disciplinado está presente em diversas atividades dentro do alojamento. Quanto à manutenção das roupas e pertences, o clube disponibiliza todos os meios, mas é o próprio atleta quem lava, seca e organiza seus materiais e roupas. Apenas roupas de cama e toalhas são periodicamente disponibilizadas limpas pelo CLUBE.

Ainda sobre disciplina, a coordenação das categorias de base se orgulha de apresentar dados de que não existem registros de violência ou indisposições sérias no alojamento. Claro que, em um ambiente frequentado por mais de 70 jovens, algumas indisposições acontecem, como exemplos, os monitores relatam: discussões referentes ao canal assistido na televisão, descuidos que provocam dano a algum pertence de outro jovem atleta ou o simples uso, sem autorização, de itens pessoais de outro jovem atleta, como vídeo games ou computadores, mas nenhuma que não tenha sido resolvida com uma simples conversa.

As quatro refeições diárias são realizadas no refeitório, este espaço é anexo ao alojamento e possui 50 lugares sentados, mas atende aproximadamente 200 atletas de todas as categorias de base do CLUBE. Todos os atletas têm à sua disposição almoço e jantar, porém apenas os alojados podem consumir o café da manhã, servido às 07h30min, e a ceia (lanche servido às 21h). Entretanto, esta não é uma regra que receba grande atenção. Nas falas dos atletas A3, A8, A9, A16 e A19, os quais não são internos, observa-se que os mesmos costumam fazer a refeição matinal no clube.

¹² Jovens espalhados ao redor do campo que tem a função de recolocar à disposição do jogo as bolas que foram chutadas para fora do campo.

A composição do cardápio das categorias de base é diferente do cardápio do grupo principal. Esta diferenciação se dá pelo fato de os jovens atletas realizarem o consumo de alimentos com taxas nutricionais padronizadas, uma vez que, indiferente da atividade física que desempenham, estão em fase de crescimento. O grupo principal, por sua vez, tem nutrição balanceada para propiciar picos de desempenho, de acordo com calendário das competições.

Nos dias de jogos, os atletas internos são liberados para consumirem, em pequena quantidade, os alimentos trazidos de casa, nos outros dias, devem consumir exclusivamente o que for disponibilizado pelo clube. Essa medida visa coibir o consumo de alimentos de forma desregrada e, ao mesmo tempo, motivar os atletas nos momentos importantes, uma vez que, segundo os profissionais do CLUBE, o consumo de alimentos trazidos de casa faz lembrar a família, provocando positivas comoções.

Esse procedimento não foi lembrado pelos jovens durante as entrevistas, mas pode-se perceber que é adotado pelo CLUBE para relembrar os atletas de suas obrigações e, principalmente, das pessoas que dependem do seu sucesso. Assim, mais uma vez, se percebe nas medidas do CLUBE formas de provocar, assim como apresentado por Gaulejac (2007), o comprometimento dos empregados com o projeto organizacional da empresa.

4.2 O FUTEBOL NA SOCIEDADE LÍQUIDO-MODERNA

Os entrevistados descrevem sua atividade como algo que gostam, que fazem muito bem e que, por isso, seria um desperdício não aproveitar da melhor forma. Frases como: “é o que eu sei fazer bem” (A11) ou “eu amo jogar futebol, [...] eu não me vejo fazendo outra coisa” (A3), definem bem o entendimento dos atletas a respeito de suas atividades. Contudo, a fama e o reconhecimento dos seus trabalhos são cruciais para a tomada de decisão. Eles normalmente falam sobre estádios lotados de torcedores, publicidades e propagandas, além do reconhecimento dos fãs nas ruas e shoppings. A esse respeito, o atleta A11 expõe que: “o cara sempre vai querer ser famoso e ganhar dinheiro e pegar aquela mulher bonita e famosa e é por isso que eu quero jogar futebol”. Corroborar com essa ideia a

afirmação de A9: “fama né, dinheiro, a maioria das coisas boas da vida, o jogador de futebol tem”.

Nesse sentido, para muitos atletas (A3, A7, A11, A15 e A16) vestir a camiseta da seleção brasileira de futebol seria o topo da montanha que começaram a escalar há muitos anos. O dinheiro e altos salários também aparecem como variável de grande interesse. Este dado é lembrado nos discursos dos atletas A2, A9, A11, A13, A18 e A19, assim, não apenas o conforto particular, mas os benefícios estendidos a seus amigos e, principalmente, a seus familiares, canaliza o esforço dos jovens para obter o sucesso na carreira.

Entretanto, seguir em frente na carreira não é tarefa que considerem fácil. Existem momentos em que os atletas refletem sobre continuidade. Segundo A10 e A2: “tem horas que você pensa em largar tudo, pois na base é tudo mais difícil” e “às vezes, dá aqueles dias que se pergunta - será que eu quero jogar futebol mesmo?”

Nesse caso, cada atleta apresenta motivos específicos que os fizeram ou fazem continuar:

Eu não gostava muito do treino, eu estava acostumado a só no final de semana, botar o fardamento e jogar. Eu não gostava muito dos treinos e o meu pai meio que me forçava, por exemplo, eu não estava morando no clube e eu morava na frente de um campo e meu pai me mandava treinar na frente de casa. Eu dizia que não queria e ele me dizia para eu ir, sim (A2).

Além da cobrança dos familiares, outro dado que leva os jovens a seguir em frente está no depósito de tempo que já fizeram em prol deste objetivo, dessa forma, desistir seria o mesmo que abandonar todo o investimento realizado: “eu já andei uma parte e se eu desistir agora não vai valer a pena o que eu fiz. Vamos falar que se eu desistir hoje, a minha infância eu perdi por causa do futebol, então o certo é eu continuar e seguir em frente” (A7).

Como em qualquer profissão, a relação com os demais profissionais inseridos na organização é lembrada pelos participantes da pesquisa. Desta forma, relatam que o relacionamento entre os atletas e os profissionais da comissão técnica das categorias de base do CLUBE normalmente é agradável, nas palavras dos jovens, “bom” (A1, A3, A4, A10, A12, A13 e A20) ou “tranquilo” (A9, A12 e A19). Eles exaltam a disciplina e o comprometimento entre atletas e profissionais da comissão técnica.

Também tratam com naturalidade o aumento das cobranças no CLUBE, pois a exigência muda ao longo dos anos. Esta informação é pública e abordada entre os atletas e profissionais da comissão técnica, pois a pressão é diferente em uma categoria e outra: “aqui tem menos cobranças, a rotatividade é bem maior lá” (P3).

As palavras de P3 são um alerta quanto ao aumento gradativo das cobranças aos jovens atletas. A “rotatividade [...] bem maior” apresentada por P3, promove ainda mais a insegurança nos jovens atletas. Dessa forma, proporcional às cobranças e à rotatividade, vemos os sintomas de hipersolicitação aumentarem ao longo do tempo.

Existem algumas brincadeiras dentro do grupo como um todo e estas são lembradas (A6) com gosto, práticas que tornam o ambiente ainda mais descontraído, mas que, em geral, se restringem aos círculos, ou seja, normalmente as brincadeiras acontecem entre os atletas e os mesmos são testemunhas de brincadeiras entre os profissionais da comissão técnica, como afirma A15. Ainda pode-se perceber que alguns atletas buscam, nos profissionais, orientações “extra-campo” nas questões referentes a relacionamentos amorosos, relacionamentos com a família, entre outros.

Essa situação pode ser observada nas palavras de P2:

Eu sempre senti eles muito próximos a mim, pelo relacionamento que eles tinham, vários me perguntavam sobre namoradas, sobre como ele ‘chega’ em alguma menina, sabe? É até uma figura de pai, com muito respeito ao que a gente diz, ao que a gente fala pra eles, de muito sentimento quando a gente cobra.

Contudo, demonstrar desorientação ou fraqueza é uma das formas de fracassar na sociedade líquido-moderna (BAUMAN, 2009b), dessa forma, esta situação de procura, por parte dos atletas, só pode ser identificada indiretamente, tanto no discurso dos profissionais, que afirmam que alguns jovens os procuram (P1, P2 e P4), como no dos atletas, pois nenhum relata que busca esse tipo de contato, e sim, que os outros atletas o fazem (A2).

O entendimento de que o trabalho é a grande fonte de sucesso impera no ambiente estudado. O futebol é o meio como os jogadores de futebol atingem seus objetivos de longo prazo. Lembrando aqui que, na sociedade líquido-moderna (BAUMAN, 2009b), o que seria “longo prazo”, na verdade é o somatório de ininterruptos objetivos de curto prazo. Portanto, os atletas pensam no futuro em

longo prazo, mas em nenhum momento parecem descuidar dos, considerados mais importantes, objetivos de curto prazo, que são atingidos, ou não, todos os dias a cada treino ou jogo. Esta situação fica clara nas palavras dos atletas, A2, A3, A7 e A9, respectivamente: “o grande diferencial mesmo é estar sempre centrado”; “a gente tem que chegar aqui e fazer um bom treino”; “acima de tudo, a palavra chave é regularidade, tu tem que manter sempre, não deixar cair”; e, “estar sempre bem, sempre bem, estar jogando bem”.

Os jovens atletas apresentam uma insatisfação contínua, nunca estão bem o suficiente para “relaxar” um pouco. Como apresentado por Bauman (2009b), a sociedade de consumo torna permanente a insatisfação, em outras palavras, ela “prospera enquanto consegue tornar perpetua a não-satisfação de seus membros” (BAUMAN, 2008, p. 64)

Essa necessidade de diminuir os riscos diariamente surge, principalmente, do cenário atual, rico em incertezas, característica de uma sociedade líquida (BAUMAN, 2009b). Para ilustrar o entendimento dos jovens atletas sobre a profissão no futebol, podemos utilizar o exemplo apresentado por Bauman (2009b, p. 47) quando se refere ao ciclista: “a pena por parar de pedalar é cair; deve-se continuar pedalando apenas para se manter de pé”.

Não existe mais “tente outra vez, você vai conseguir”, a sociedade dos consumidores não tolera falhas, neste ambiente, os fracassados são completamente excluídos, abandonados (BAUMAN, 2008).

Assim como Bauman (2008) aborda em sua obra, podemos facilmente fazer uma analogia com os praticantes de esportes de alto rendimento. No caso do futebol, os jovens atletas sofrem periodicamente com a angústia pela possível dispensa de suas atividades. Podemos perceber esta competitividade descrita no cenário atual do trabalho, a qual os autores se referem (BAUMAN, 2008; SENNETT, 2009b; LAZZARATO, 2006). As categorias de base do futebol profissional apresentam-se como ambientes de incertezas e instabilidades, onde um atleta que se destacou na temporada anterior pode facilmente ser dispensado se não repetir ou melhorar o feito nas temporadas subsequentes.

É sob esta insegurança que são imputadas aos atletas todas as responsabilidades do sucesso e do fracasso. O discurso da gestão, com o velho jargão “só depende de você”, não é falado, em contrapartida, é facilmente percebido no ambiente em questão.

O entendimento dessa questão se revela nas respostas dos jovens atletas quanto às exigências para atingir o sucesso. Quando perguntados a respeito do que precisa ser feito para conseguir a profissionalização, todos os jovens atribuem a eles mesmos a responsabilidade de vencer. Assim como visto anteriormente nas palavras de A2, A3, A7 e A9¹³, não se observam, no entendimento dos jovens atletas, as variáveis “sorte” ou “acaso”, por exemplo, muito menos, é transmitida para o clube alguma responsabilidade, pelo contrário, fracassar ou ter sucesso é algo que depende exclusivamente deles.

Dessa forma, as falsas promessas são feitas muito antes da inserção nas categorias de base, cooptando o jovem atleta desde criança. Este entendimento fica claro nas palavras de um dos profissionais da comissão técnica quando explica por que tantos jovens buscam a profissão de jogador de futebol:

Todos os meninos são enganados, o que faz todos nós sermos apaixonados pelo futebol? Ilusão, um sonho, aquilo que é apresentado pela mídia, o grande craque. O grande craque não sofre, não sente dor, não chora, ele não teve nenhuma perda, ele é só sucesso, ele vive em um glamour, ele é milionário, ele é muito feliz. Só que na verdade, se tu vai estudar a vida do Garrincha, tu vai estudar a vida do Maradona, tu vai estudar a vida do Heleno de Freitas, tu vai descobrir que não é verdade isso, que aquilo tudo tem um grande preço, que tu é devorado por essa mídia, que não tem nenhum atleta de ponta, de sucesso, que não pagou o seu preço. [...] só que é como eu te digo, nada disso é mostrado, então na verdade é uma grande ilusão que atrai todos os meninos, todos nós somos atraídos por uma grande ilusão de que jogar futebol significa sucesso, felicidade e riqueza (P5).

Essa afirmação, explica o entendimento apresentado por A9¹⁴ e denuncia a produção de um estilo de vida difundido e idealizado em relação ao jogador de futebol, onde apenas os fatores bons são mencionados. De certo modo, isso pode ser visto como o consumo de uma ideia produzida e ratificada pela mídia em geral.

Quanto ao tempo de duração da carreira, os jovens atletas têm convicção de que a carreira de um jogador de futebol é relativamente curta. A aposentadoria apresenta-se como certa antes dos 40 anos, por isso, eles buscam acumular financeiramente a maior quantia possível, para que, na interrupção de suas atividades, o conforto que forem adquirindo ao longo dos anos não seja perdido.

Por isso, os jovens atletas buscam jogar na Europa ou em outros grandes clubes, lugares onde o futebol paga altos salários.

¹³ Citações apresentadas na página 52.

¹⁴ Citação apresentada na página 52.

O interessante no entendimento da carreira curta, é que esta é mais uma variável que gera insegurança nos atletas. Neste sentido, mais do que nunca, qualquer fidelidade ao clube é esquecida. Da mesma forma que o clube pode dispensar os atletas a qualquer momento, os atletas não parecem melindrados em traçar suas carreiras em outros lugares. Observa-se nas palavras de A7, A11, A12 e A18, respectivamente: “fazer a história em um grande clube”; “jogando na Europa”; “imagino jogar na Europa, bem financeiramente”; e, “não sei se no CLUBE ou em um time fora do Brasil”.

Nesse momento, as palavras de Bauman (2008), sobre a imprudente promessa de fidelidade levar ao fracasso, fazem sentido, não apenas para o CLUBE, mas para os jovens atletas também.

4.2.1 Hipersolicitação em contexto de trabalho imaterial no futebol

A dedicação em tempo integral que é cobrada pelo CLUBE dos jovens das categorias de base é o primeiro indício de hipersolicitação no trabalho descrita por Gaulejac (2007).

Essas cobranças são apresentadas formalmente e informalmente. Formalmente, quando no contrato profissional que assinam a partir dos 16 anos já estão previstas as cobranças do clube. Estas cobranças são identificadas nas palavras de A14: “Procuro não fazer o que tá [proibido] no contrato, que não pode andar de moto e coisa e tal, preservar as tuas pernas”.

Contudo, as mais relevantes são as cobranças que ficam definidas informalmente. Existe um entendimento comum e, perfeitamente aceito, de que as decisões tomadas fora do clube trazem reflexos para dentro do clube, dessa forma, até mesmo os momentos de folga são fiscalizados a distância. Percebe-se isso nas palavras de A2: “se não vai na escola tu leva a multa”. Como diria Pelbart (p. 37, 2000), “o capital engoliu a vida”, pois os tempos que dividiam as tarefas de trabalhar, lazer, estudos e consumo se misturaram.

Nas palavras de um dos profissionais da comissão técnica, fica claro esse entendimento. Quando abordado o tema da folga dos jovens atletas, P4 alerta para as atividades esportivas e as festas, qualquer coisa que possa prejudicar o alto

desempenho no dia seguinte: “porque querendo ou não, o descanso faz parte do treinamento” (P4).

Assim, vemos no futebol o mesmo entendimento do trabalho imaterial onde torna-se “quase impossível distinguir entre o tempo produtivo e o tempo de lazer” (LAZZARATO e NEGRI, 2001, p.30).

Dessa forma, os jovens passam a estar 24 horas por dia à disposição do CLUBE, uma vez que, se identificado pelos profissionais da comissão técnica que os atletas, por exemplo, jogam futebol nos dias de folga, “o atleta será chamado e o pessoal da comissão vai conversar com ele” (P4).

Esta situação aproxima o ambiente esportivo com o ambiente profissional descrito por Gaulejac (2007, p. 87), onde “o trabalho não consiste mais em realizar uma tarefa predefinida em tempos e horas, mas em realizar desempenhos. É preciso ser mais rápido, mais preciso, mais ativo, mais concreto”.

Quanto à rotina, as atividades dos jovens atletas se iniciam logo cedo. Em geral, eles despertam antes das 07h para se apresentar até às 08h no clube. O despertador obrigatoriamente precisa tocar, no mínimo, uma hora antes, pois eles precisam se alimentar adequadamente, sendo este hábito percebido na fala de todos os atletas entrevistados.

É interessante destacar que os jovens se alimentam uma hora antes do treino, pois têm a necessidade de um bom desempenho naquele dia em questão, e não por hábitos alimentares e a saúde em longo prazo. Eles não se alimentam no primeiro horário por recomendação médica ou de especialistas, embora estejam cientes destas recomendações, fazem isto, exclusivamente, para buscar os resultados imediatos que esta ação pode proporcionar.

Como apresentado por A7:

Treinar bastante e cuidar do corpo, pois o corpo é a única ferramenta para jogar futebol, então tem que cuidar para poder jogar futebol, então tudo em seu determinado lugar, sem tu andar na noite e não dormir bem. Tu tem que dormir bem e tomar café bem, se comer coisa que não deve, não vai valer a pena porque tu vai chegar no treino e não vai render o teu normal, então tu tem que procurar fazer isso pra poder ir bem durante os treinos e treinar bem é uma forma de ir para o jogo.

Outra aproximação com a literatura se faz no entendimento de Bauman (2008; 2009b) que o sujeito se torna mercadoria na sociedade do consumo. Dessa

forma, as palavras de A7 apresentam o entendimento de que o corpo é apenas uma máquina que proporciona desempenho.

As atividades físicas normalmente se iniciam às 08h30min. Este intervalo de 30 minutos, entre a chegada dos atletas e o início das atividades é necessário para a preparação dos atletas quanto à troca de roupa e a preparação para jogar. Existe uma previsão de atividades físicas e técnicas, além de jogos treino e jogos oficiais. Contudo, o que será realizado no dia-a-dia vai ser apresentado pelos responsáveis na primeira hora da manhã, como afirma A17: “eles é quem decidem, assim, na hora”, ou seja, mesmo havendo um planejamento, os atletas devem estar dispostos e em condições de se adaptar rapidamente a qualquer mudança repentina nas atividades que serão realizadas.

Segundo Sennett (2009b), esses acontecimentos se devem ao fato de o capitalismo tornar a instabilidade uma coisa normal. Como resultado, o poder gerencialista requer um comportamento reativo, flexível, adaptável, capaz de pôr em prática o projeto da empresa (GAULEJAC, 2007).

O término das atividades da manhã se dá em horários variados, sempre vinculados à atividade que tenha sido realizada, por exemplo: quando os jovens são envolvidos em atividades exclusivamente físicas, os treinos normalmente acabam mais cedo, pois provocam desgastes maiores e os atletas devem estar em condições de realizar seus treinos à tarde.

“Hoje tá acabando mais cedo, que hoje a gente fez um trabalho na academia, um trabalho mais específico na academia [...], mas normalmente quando a gente vai para o centro de treinamento o treino acaba 11h30min, meio-dia” (A3).

Após o almoço as atividades da tarde seguem uma rotina parecida com as da manhã. Observa-se também que a decisão de almoçar no clube (A11, A12, A13, A16 e A18) ou em casa (A1, A2, A7 e A20), divide a opinião dos atletas, pois está condicionada ao entendimento particular sobre o local onde vai ter maior descanso neste intervalo.

Esta e outras situações levam ao entendimento de que a palavra “descanso” pode ser utilizada para definir as atividades fora dos horários de treino. Percebem-se também algumas atividades não rotineiras, como passeios curtos, sessões de cinema e jantares nas palavras de A3, A9, A11 e A16. Dois atletas (A11 e A14) afirmaram realizar cursos de língua estrangeira, e alguns (A1, A3, A4, A7, A12, A16 e A19) ainda estão devidamente matriculados no ensino médio.

O relevante dessas observações é que as poucas atividades que são realizadas atendem duas exigências: em primeiro lugar, não provocar qualquer desgaste físico que venha a prejudicar o atleta nos treinos do próximo dia, assim como relata A18: “por ser um atleta tu tem que te privar das coisas que uma pessoa normal que trabalha e estuda faz, por que tu precisa do teu corpo”, e, em segundo lugar, que venha a beneficiar o atleta em sua carreira como jogador de futebol. Esta segunda exigência define as atividades escolares, que são impostas pelo clube por questões legais e o curso de idioma, que visa sua melhor adaptação em uma futura transferência para o futebol europeu.

Esta necessidade de buscar nos momentos de folga alguma vantagem competitiva toma conta dos pensamentos dos jovens atletas, o que assemelha o universo estudado com os demais ambientes onde se percebe a hipersolicitação (GAULEJAC, 2007) em um contexto de trabalho imaterial (LAZZARATO e NEGRI, 2001; GORZ, 2005; GRISCI, 2008).

Para Lazzarato & Negri (2001), a perspectiva do trabalho imaterial está relacionada ao ciclo produtivo e à subjetividade. Nesta perspectiva, percebe-se a produção de desempenho dos jovens atletas a cada segundo, não mais contida nos horários de treino, mas nas diversas decisões que interferem em suas vidas, sempre em busca de vantagem competitiva.

Com as seguintes palavras: “se tu der espaço ao companheiro, com todo o respeito, pra tu voltar é muito difícil, porque a concorrência é muito grande”, A7 exhibe perfeitamente o entendimento de Gaulejac (2007, p. 170): “a vida não tem mais outro sentido a não ser ultrapassar os outros e não se deixar ultrapassar”.

Como diria o autor, quanto mais destaque profissional tem o indivíduo, mais suas atividades acabam sendo avaliadas em curto prazo. Isso contribui para que os atletas se dediquem integralmente a suas profissões, dessa forma, quando estão fora do clube nos horários de folga, os jovens seguem trabalhando de forma imaterial.

Por sua vez, o trabalho imaterial se manifesta a cada segundo durante todo o dia, não apenas no campo ou nas demais atividades dos treinos, mas em casa ou no shopping. Os jovens atletas se alimentam em busca de mais vantagens competitivas, não simplesmente com itens que julgam mais saborosos, eles repousam bastante para estar bem fisicamente, e até mesmo os descansos são controlados de forma a otimizá-los, pois nem mesmo dormir durante a tarde é

permitido sem controle, pois pode atrapalhar o sono da noite que é indispensável para um bom desempenho no outro dia.

“Geralmente quando eu não tenho treino a tarde eu durmo, almoço, vou para casa dormir, às vezes eu coloco o despertador para não dormir tanto, pra depois dormir cedo à noite” (A18).

Cada vez mais a gestão se apodera dos indivíduos. Nesse sentido, cada empregado é seu próprio patrão. Como a teoria de Gaulejac (2007), os jovens atletas se autocontrolam, e, dessa forma, o poder das organizações parece não encontrar limites.

Assim, os atletas seguem em suas buscas, mesmo demonstrando certa insatisfação quando percebem a ausência de atividades não relacionadas ao CLUBE. Dentre as demonstrações, podemos destacar: “vou te definir que a atividade fora do clube não existe, o que existe fora do clube é o descanso” (A18) ou ainda, “tu vive para o clube, tu vive no clube e para o clube” (A18). Como dito por Gaulejac (2007), as organizações esperam que seus empregados se entreguem de “corpo e alma”, eles devem sacrificar tudo pelas carreiras.

Toda e qualquer atividade nos horários de folga, assim como nos horários de treino, são voltadas para a obtenção de vantagens competitivas, ou seja, sempre com o intuito de favorecer o atleta no desempenhar de suas funções no dia seguinte. É a esta realidade que Gorz (2005, p. 22) dá o nome de: “mobilização total”.

Deve-se reconhecer que todos os profissionais (P1, P2, P3, P4 e P5), percebem a ausência das famílias no convívio com os jovens atletas, contudo, questões como relação com os amigos, necessidades diversas, lazer, entre outros, não são facilmente identificadas pelos profissionais da comissão técnica das categorias de base, por exemplo, P4 entende que os atletas não abrem mão das coisas por estarem no CLUBE, ele afirma: “esses que procuram este tipo de coisa [festas] não deixam a ‘balada’. Aí tu entra em uma outra coisa, os que estão mais focados, o atleta mais focado deixa de fazer isso, o que está focado faz as coisas na hora certa”.

Não distante das necessidades particulares, vemos as exigências para permanecer no CLUBE. Nesse sentido, muitas palavras foram usadas para definir o que é preciso para se manter no clube. “Disciplina” (A1 e A13), “vontade” (A1, A2 e A20) “regularidade” (A7), “dedicação” (A5 e A6), foram palavras usadas e algumas vezes repetidas pelos entrevistados. Alguns jovens ainda ressaltaram que devem

estar dispostos a aprender sempre, e que os ensinamentos dos profissionais da comissão técnica são muito importantes e por isso devem ser ouvidos e acatados. Entretanto, o mais interessante é a percepção dos jovens atletas, os quais realmente acreditam que devem se dedicar ao máximo para atingirem seus objetivos profissionais e percebem que não apenas precisam fazer, mas sim transparecer essa dedicação: “isso é o que eu acho que a pessoa tem que fazer, que é o que o clube quer, entendeu? Que [o atleta] procure ser excelente em todos os sentidos entendeu? É isso o que eles querem hoje. Não aquele cara que vem treinar quando quer” (A14).

Eles buscam ser vistos como jovens dedicados, atenciosos para com os profissionais da comissão técnica e empenhados, que não medem esforços para estar no grupo e ter uma chance de sucesso nessa carreira. Fala-se, nesse momento, de talento e técnica para a prática do esporte, entretanto, mais do que ser talentoso, a dedicação e a vontade parecem ser as principais variáveis., o que contribui para o estado de hipersolicitação descrito por Gaulejac (2007).

Quando questionados sobre as formas como buscam se destacar no meio que frequentam, os jovens atletas reafirmam o entendimento anterior de como devem se manter no clube. Em especial, surgem alguns comentários sobre não se deixar levar por más influências, no sentido de manter o foco no objetivo principal a qualquer custo:

Porque se tu começar a ouvir muita coisa de fora, tu começa a encher a cabeça de coisas e aí tu não tá treinando bem, se preocupando com outras coisas, e isso não é assim. Então, quando entrou pra dentro do clube, do campo, tem que esquecer tudo lá fora e buscar o teu melhor ali dentro (A19).

Outra questão interessante foi o fato de a simples sobrevivência dia após dia no CLUBE receber mais importância do que a necessidade de ser o melhor jogador ou o com maior destaque. Este entendimento surge pelo fato de nenhum jogador comentar a necessidade de “ser o melhor”, a “estrela” do time, ou o “craque”, eles (A2, A3, A4, A5, A6, A7, A9, A10, A11, A12, A13, A15, A16, A17, A18, A19 e A20) acreditam que apenas o fato de se manter no clube, lhes garantirá o sucesso.

Se Sennett (2009b) coloca que obter sucesso é a única forma de evitar o fracasso, em algum momento da jornada dos jovens atletas o entendimento é que, se evitarem o fracasso, então estarão garantindo o sucesso.

E nessa busca por sucesso, ou por simplesmente evitar o fracasso, abrir mão das coisas que gostam ou que precisam é visto como normal, como uma etapa natural na busca por objetivos maiores.

Os relatos sobre abrir mão de coisas importantes ou que despertam o interesse dos jovens são extensos. O afastamento da família é a reclamação mais evidente. Percebe-se que todos os jovens, principalmente pelo fato de terem saído de casa muito cedo, sentem com muita intensidade a ausência dos pais e irmãos, em especial da mãe. O número reduzido de amigos também é relatado pelos entrevistados (A3, A7, A9, A13 e A18), que afirmam não possuírem muitos amigos no CLUBE. Salvo três atletas, A1, A19 e A20, os jovens classificam os outros atletas como “colegas de treino” e reclamam que nestes não se encontram as características da verdadeira amizade, pessoas com quem se pode contar a qualquer hora. Normalmente, os amigos que possuem estão em suas cidades natais e o contato se resume a recados pelas redes sociais.

Estas afirmações podem ser percebidas nos relatos:

Dentro de um clube de futebol, assim, dentro do futebol em si, a gente se aproxima muito pouco das pessoas. O futebol é um meio que tem muita coisa errada, muita sujeira, então a gente, eu particularmente tenho bem poucos amigos no futebol, eu tenho colegas de trabalho, que é diferente. Mas amigo assim próximo, eu tenho bem pouco no futebol. Mas o relacionamento não deixa de ser bom, assim, tem respeito mútuo. Mas nada mais que isso (A13).

Cara, eu tenho poucos amigos, eu acho que depois que eu vim para Porto Alegre e comecei a jogar futebol, aparecem muitos amigos, mas as amizades verdadeiras da para contar nos dedos, o resto são meus parceiros, de fazer uma atividade sem ser jogar futebol, mas meus amigos, meus amigos de verdade, da para contar nos dedos (A3).

Por fim, nesse assunto voltam as comparações entre os atletas e os demais jovens inseridos nos mais variados mercados de trabalho, “os jovens normais” (A3, A13, A16, A18 e A20). Os atletas comparam que, em suas vidas, estão descartados o chopp depois do trabalho, a comida não balanceada, as festas noturnas, o futebol ou outros esportes como lazer, entre outros.

Entretanto, os jovens percebem como justa toda esta privação que sofrem no decorrer dos anos. Acreditam que todas as pessoas, em algum momento, devem abrir mão de alguma coisa em prol de outra e que, como decidiram pela carreira de jogador de futebol, este é o preço que devem pagar pelo sucesso que almejam.

Exemplos utilizando o pesquisador foram usados:

Hoje é uma das carreiras que mais ganham dinheiro hoje e é curta. Se tu for um jogador de nível, acho que 10, 12 anos, tu tem uma vida longa pela frente, só pra aproveitar e não fazer nada. É o caminho mais curto, se tu quer uma carreira, tem que fazer um mestrado, um doutorado, são 15, 20 anos de estudo pra chegar, pra depois de repente, começar a ganhar aí o que um jogador de 17, 18, 20 anos tá com os bolsos cheios (A19).

O futebol é uma faculdade, o futebol é uma das faculdades que, se tu der certo, tu vai ter muitos frutos e eu acho que vale a pena tu deixar naquele momento, deixa a tua família, deixar a tua saidinha, deixar de fazer a tua festinha, de voltar para tua casa, para depois ter um êxito na profissão. Do que depois, tu estudou tudo, fez uma faculdade e com 30 anos tu ficou graduado e ai tu vai ter um bom emprego ai tu vai estar recebendo bem. Com nós, é diferente, se tu deu certo no futebol, com 19 anos tu já sobe para o profissional com um salário muito bom e o cara que estudou, que fez festa tudo, não vai ter aquilo naquele primeiro momento (A15).

Trata-se muito sobre sucesso e descanso ao fim da jornada. A14 afirma que os frutos só são colhidos em um futuro distante:

Depois que eu me aposentar, eu vou fazer o que eu quero, porque no futebol, tu não consegue, tem que deixar algumas coisas de lado, né. É festa, e essas coisas, entendeu? E quando eu me aposentar eu quero fazer as coisas que eu goste, aí eu vou poder sair, me divertir, ficar mais com a família, né, que é uma coisa que eu faço muito pouco, eu vejo minha família só no final do ano.

Como dizia Gorz (2005), “é preciso perder a vida para ganhá-la” sob este entendimento os jovens legitimam as cobranças e se mostram compreensivos com a falta relativa a outras facetas da vida. Eles se dedicam exclusivamente em busca do sucesso.

Como já relatava Gaulejac (2007), a hipersolicitação no trabalho se estabelece na sobrecarga de trabalho considerada normal por ser aceita voluntariamente pelo trabalhador, sendo esta uma fonte de orgulho, mesmo que seja responsável por algumas queixas.

4.2.2 Estilos de vida dos jovens atletas

A vida dos jovens atletas antes do ingresso nas categorias de base é lembrada como um período de liberdade e diversão, eles normalmente retratam a falta de compromissos e a escola como sua única responsabilidade. Nesse período, predominavam as brincadeiras e a diversão. É habitual o uso da expressão “uma criança normal” (A3, A13, A16, A18 e A20) com o intuito de diferenciar o que os jovens que não estão inseridos em categorias de base do futebol fazem. Essa prática demonstra a diferença que os próprios jovens percebem entre suas vidas anteriormente e suas vidas atualmente. Observa-se que essas primeiras alterações percebidas pelos jovens atletas, normalmente são apresentadas como positivas, sinais de uma evolução, todavia, Sennett (2009b) alerta que muitas vezes as alterações em prol do trabalho podem ser penosas para a família.

Eles lembram com alguma dificuldade de suas infâncias fora das categorias de base, isso se deve à inserção precoce nesse meio que, em alguns casos, se deu aos sete anos de idade (A18).

Contudo, mesmo com tais dificuldades, os jovens atletas não hesitam em afirmar que houve grandes mudanças em suas vidas. As mais latentes, entres elas, são a disciplina e a responsabilidade. Eles percebem em suas atividades que são extremamente cobrados e buscam corresponder à altura. Diferente dos anos de infância, agora eles têm horários rígidos e compromissos que tomam todo o dia, cuidados extra-campo e muitos receios de que, se não atenderem o que lhes é cobrado, serão excluídos.

Desde muito cedo, os jovens atletas iniciam um processo de adaptação, sendo este processo determinante para o sucesso dos que tentam. A este processo Gaulejac (2007) dá o nome de “produção de si”.

Deve-se ressaltar que essas mudanças na rotina e na forma de agir, em muitos casos é fonte de orgulho, principalmente quando os jovens são reconhecidos por seu trabalho: “Quando tu vem para o CLUBE, todo mundo fica - ah, tu ta no CLUBE que bom. Elas torcem por ti, tem pessoas que são mais invejosas e tem pessoas que se aproximam e pedem camisa e chuteiras” (A2). Ou ainda:

Muita coisa mudou na minha vida, comecei a ser visto com outros olhos pelas pessoas que fazem parte da minha vida e pelas pessoas que não fazem parte da minha vida, mudou, mudou muita coisa na vida de um atleta do futebol, como eu disse, a gente passa a ser visto por outros olhos, as pessoas te admiram, falam assim - olha só aquele menino ta lá no CLUBE, que bom que ele ta lá e tal. Pra quem te viu crescer, tipo sair da escola, os meus professores de antigamente, agora tive a oportunidade de ir de férias para casa e encontrar meus professores da escola e falam assim - te vi pequenininho, te dei aula, olha como você esta hoje. É uma felicidade grande poder ver você crescendo na vida. A gente passa a ser visto de outra maneira né, tipo, como eu disse, as pessoas passa a te admirar melhor, a te ver sendo realizado profissionalmente e isso é importante (A3).

Satisfação é um sentimento que se percebe também nas palavras de A8: “eu já to acostumado, já saí de casa, já to independente, entendeu. Embora eles me ajudem com bastante coisa ainda, eu já to me virando sozinho” (A8).

Porém, mesmo com a satisfação e o orgulho, como anteriormente dito, o afastamento da família é muito lamentado pelos atletas, todos os jovens atletas naturais de outras localidades fazem muitas referências à ausência dos familiares e como isto é penoso para eles. Esse afastamento, por vezes, provoca lamentações:

Olha, eu penso que faz parte da vida, tem que abrir mão, porque senão eu não vou dar certo, não tem como dar certo se eu não abrir mão dessas coisas. Às vezes eu choro, daí eu ligo pra minha mãe, e passa, entendeu. Ou às vezes choro pra mim, mato no peito e nem ligo pra ela, entendeu. Pra não deixar ela preocupada e tal (A14).

Trata-se da, já citada, apologia da flexibilização total, que não mais afeta apenas as relações de trabalho, mas interfere até nas relações familiares, como as conjugais e afetivas (PELBART, 2000).

Contudo, a distância geográfica é mais facilmente compreendida. Porém, percebe-se lamentações referentes ao afastamento da família, também entre os jovens naturais de Porto Alegre: “praticamente não tem férias, eu não tenho feriado, muitos aniversários de familiares a gente não pode estar junto porque está viajando ou fazendo alguma coisa” (A11), ou “geralmente as pessoas abrem mão da família e dos amigos, [...] pois, passa de segunda a sábado, e de vez em quando domingo, aqui. Abre mão mais das pessoas que estão ao redor que das outras coisas” (A1).

Os relacionamentos com as famílias sofreram grandes alterações e o afastamento e a decorrente saudade que sentem os atletas é normalmente comentado, contudo, sempre que tratam da família os jovens têm boas referências.

Eles falam de carinho e de atenção, relatam que se comunicam diariamente pelo telefone ou pela internet, a propósito, o telefone é a grande ferramenta de

comunicação entre atletas e familiares deixando a internet normalmente para o contato com os amigos. Eles (A9 e A14) entendem que o contato telefônico se mostra mais íntimo e que ouvir a voz de quem se sente saudades é um grande conforto.

Essa afirmação é compatível com as colocações de Bauman¹⁵ sobre as redes sociais e a fragilidade dos laços neste ambiente virtual. Na comunicação com os familiares, onde os atletas têm laços mais fortes, o recurso das redes não ganha muita atenção.

O que pode se perceber, entre o relacionamento dos jovens atletas e seus familiares é que este, mesmo com as citadas alterações, segue com muitas demonstrações de carinho e afeto. Porém, os próprios atletas entendem que esta distância forçada acaba estimulando as demonstrações, as palavras doces, e a tolerância em algum eventual desentendimento. Eles percebem o relacionamento muito bom, mas não têm certeza se o relacionamento permaneceria assim, caso estivessem fisicamente juntos diariamente.

Nesta linha, ao falar de seu relacionamento com a família o atleta A18, afirma:

É bom, é bom por que fica um negócio de saudade e, às vezes, a saudade é boa também por que ajuda. Quando a pessoa te vê mais, como é que eu vou te dizer? Fica mais bonito, por que todo o carinho, tu demonstra mais a falta que ela te faz, tu demonstra mais e isso eu acho bacana, eu acho isso legal, porque quando tu ta com a pessoa todo o dia, 24h por dia, dorme tudo na mesma casa, faz tudo, tu não acaba dizendo, às vezes, dando um abraço: bá, tava com saudade. Por que tu ta sempre com ela, então te conforta, e quando tu ta longe, te faz sentir quanto aquela pessoa é importante para ti.

O fato, já conhecido nesse trabalho, de que os atletas têm grande interesse em ajudar suas famílias com aportes financeiros faz com que em alguns casos, isto seja cobrado pelos familiares. O atleta A2, em especial, comentou o desgosto quando seus familiares cobram que ajude financeiramente nas despesas da família. Contudo, mesmo o atleta não gostando dessas cobranças, segue ajudando e em nenhum momento pensa em interromper este auxílio.

Esse entendimento é digno de destaque, pois é impressionante a intensidade com que essa vontade aparece e, principalmente, em que período da vida dos atletas. Os atletas tratam seus parentes mais próximos como se fossem dependentes econômicos, caracterizando assim uma condição de arrimo de família,

¹⁵ Entrevista concedida ao projeto Fronteiras do Pensamento 2011. Disponível em <http://www.youtube.com/watch?v=POZcBNo-D4A>. acessado em 10.02.2012.

não formal, mas prática, tendo em vista que esse desejo surge muito antes de adquirirem a maioria. Essa condição contribui para o aumento das responsabilidades que têm e para o aumento da necessidade de sucesso profissional, cobrando dos mesmos, mais empenho e dedicação às tarefas que realizam diariamente.

Pelo que se pode observar, este se constitui o maior desafio, que os afasta ainda mais dos convívios sociais que normalmente participaria um jovem desta faixa etária e os coloca ainda mais sob controle do clube, a partir do raciocínio de A7 que afirma que depois de investir tanto tempo e esforço naquele objetivo, não pode mais desistir. Assim, quanto mais coisas o jovem atleta abre mão, mais estas decisões o forçam a buscar o sucesso a qualquer custo.

Como já investiram muito tempo e muito esforço nesta caminhada, abandoná-la a esta altura seria desperdiçar todo o tempo que ali foi investido. Em determinado momento, ser ou não justo, esta decisão não é relevante.

Sob esta ameaça e mesmo percebendo grandes mudanças, os jovens atletas definem suas vidas como em um momento intermediário, cientes de que ainda estão longe dos objetivos maiores referentes a sucesso e dinheiro, mas reconhecendo toda a caminhada que percorreram aos 18 anos de vida. Alguns podem apresentar mais de 10 anos de atividade em um regime quase que profissional (A5, A11, A12 e A18), cheio de responsabilidades e controle. Eles exibem de forma clara a rotina diária e as obrigações e responsabilidades que assumiram, não apenas com eles, mas com todos que aguardam ansiosos seu sucesso, neste sentido, se referindo aos pais e demais familiares.

Essa afirmação fica clara nas palavras de A3:

No CLUBE, é bem corrida minha vida tipo, aqui no CLUBE tive oportunidade de chegar aqui, graças a Deus, tipo, dei uma subida na minha vida, graças a Deus, to aqui. [...] Se Deus quiser, meu futuro espero que seja brilhante, porque to trabalhando pra isso, trabalhando pra ter um futuro bom, poder ajudar muito mais o meu pai, poder ajudar a minha irmã, pra minha irmã fazer a faculdade, minha irmã tem nove anos, ela sonha em fazer medicina já logo cedo, se Deus quiser, quero ajudar ela, realizar esse sonho dela.

Sempre que tratam do futuro, pensam em sucesso, em realizações profissionais e financeiras. Poucos são os entrevistados que argumentam possíveis atividades caso sejam dispensados pelo clube. Em especial, apenas os que encontraram grandes problemas nas jornadas, como lesões físicas que os impedem

temporariamente de continuar no mesmo nível dos demais (A1 e A8). Essa dificuldade apresenta o outro lado da moeda, situação que a maioria não passou e que, portanto, parece não perceber. Dessa forma, atividades relacionadas aos estudos ganham nova importância: “a escola é muito importante, pois, pra quem tá tentando, não é certo que vai ser jogador profissional, e se já tem uma escolaridade pode seguir a vida em diante” (A1).

Ainda, um dos pesquisados (A14) afirma que está mais velho (19 anos) e que, nos seus planejamentos, almejava estar frequentando o grupo principal a esta altura, o que o fez repensar suas metas e seus objetivos, se apresentando, pela primeira vez, a possibilidade da não obtenção dos resultados que pretendia anos antes. Com a possibilidade do fracasso se apresentando, ele passa a cogitar buscar clubes menores.

É importante reafirmar que a grande maioria não tem qualquer previsão negativa, mesmo os atletas que não estão momentaneamente titulares¹⁶ em seus times ou os que eventualmente não tenham sido relacionados para alguma competição. Alguns atletas (A7 e A18) afirmam não possuir um “plano B”, ou seja, suas únicas e, por sua vez, últimas esperanças estão ali.

Outra característica do universo pesquisado se dá na padronização. Começando pela aparência dos jovens atletas que são muito parecidos, dificultando a identificação entre eles. Essa dificuldade se dava principalmente pelo porte físico e pela forma de vestir, que provocava alguma confusão. Não que os mesmos apresentassem um padrão único, entretanto, dificilmente encontraríamos muitos grupos diferentes, ou seja, existem atletas de grande porte físico, altos e com maior desenvolvimento muscular e, em contrapartida, existem os atletas de menor porte físico, com características físicas mais leves, mais baixos e corpos mais finos. Somado a isso, temos o fato de durante suas atividades, os jovens atletas utilizarem uniforme de treino, com isso todos acabam ficando semelhantes. Nem mesmo os cortes de cabelo criam destaques. Em conversas informais com os profissionais da comissão técnica, percebe-se que existe uma orientação para que os atletas mantenham um padrão, não se trata de ordem ou norma, mas cobranças amigáveis e brincadeiras, sempre com a finalidade de coibir possíveis extravagâncias.

¹⁶ Os 11 melhores jogadores do grupo que iniciam as partidas.

Porém, essas características dos jovens atletas não se restringem a semelhanças físicas, atingindo também as formas como se expressam. Além disso, os pesquisados costumam se deslocar pelos pátios do estádio e dependências do clube, sempre em grupos, isto contribuía para que o pesquisador tivesse dificuldade para identificar os atletas que haviam sido entrevistados e os que não haviam sido.

A escolaridade dos entrevistados segue uma tendência, são todos jovens com idade universitária, mas que não frequentam tal ambiente. Um número considerável dos entrevistados concluiu o ensino médio, a grande maioria o faz por obrigação, força legal que exige dos clubes com categorias de base que matriculem seus atletas até completar 18 anos, outros por exigência da família.

Sobre este assunto, é visível que todos apresentam certo entendimento sobre as necessidades de estudar e, principalmente, sobre as vantagens que esta atividade lhes proporcionaria. Os jovens atletas falam sobre o fato de a carreira ser curta, cheia de instabilidades e que uma formação seria muito boa (A1, A2, A13 e A16). Contudo, diferente dos outros jovens, aqueles inseridos no mercado de trabalho comum, no ambiente empresarial, onde formação acadêmica pode influenciar diretamente em cargos e salários, os inseridos no futebol, identificam os estudos como uma atividade paralela, desvinculada da prática profissional.

Dessa forma, eles não se motivam para adquirir educação e conhecimento científico. Os jovens atletas das categorias de base, não conseguem fazer a mesma análise que os demais jovens inseridos em outros ambientes profissionais. O entendimento imediatista faz com que julguem os estudos como uma tarefa onerosa e desgastante, pois em suas profissões, escolaridade não agrega diretamente. Assim, passa a ser percebida apenas como perda de tempo, ou desperdício de energia.

Podemos ver nas palavras de A9 esta constatação: “vou procurar fazer um curso de alguma coisa, de inglês sei lá, ou uma faculdade que meu pai sempre me cobra, ele é jornalista e eu to vendo, mas agora eu to bem focado no futebol, mas quem sabe mais para frente eu posso fazer”.

Atividades não relacionadas a treinos e jogos dificilmente são relatadas pelos jovens, o que se pode relacionar são alguns passeios normalmente aos shoppings da cidade. Essas atividades não são conduzidas de forma rotineira, acontecendo esporadicamente sob o convite de algum amigo ou colega. Apenas dois atletas (A11 e A14) afirmam que cursam semanalmente estudos de língua estrangeira em um

curso específico. Salvo estes dois, nenhum outro pratica ou se envolve com qualquer atividade “extra campo” voluntariamente, uma vez que alguns ainda estão encerrando o ano letivo de suas escolas e esta atividade é uma exigência legal.

Dentre os passeios e outras atividades como assistir a filmes em casa ou no cinema, jantares e atividades de lazer, percebe-se que sequer passa na cabeça dos jovens qualquer exercício físico. Essas atividades esporádicas visam exclusivamente retirar brevemente os jovens de sua rotina “descanso x treino”. Os atletas claramente não se permitem realizar qualquer atividade que pudesse interferir negativamente nos desempenhos do dia seguinte. Essa afirmação se faz a partir da inexistência de qualquer comentário, por parte de todos os entrevistados, fazendo alusão a alguma atividade que fosse física.

Quanto à reflexão sobre as relações de amizade fora do clube, os jovens atletas (A2, A3, A7, A18 e A19) relatam que perderam contato com os amigos e que o pouco que conseguem manter destas relações se faz pela internet e suas redes sociais.

As relações de amizade, dentro do clube, também são conturbadas, percebe-se uma dificuldade em separar amigos “de verdade” e amigos “de treino” ou apenas “conhecido”. O ambiente em constante disputa por lugares faz com que os jovens busquem um afastamento dos demais colegas. Podemos perceber este afastamento na negativa em contar alguma dificuldade para os outros sem expor suas limitações, ou ainda, em não se deixar levar por qualquer influência negativa que venha de colegas de treino (A19), pois estas podem prejudicar o desempenho do jovem e isso só o afastaria de seus objetivos.

Como dito, a competitividade coloca em dúvida as relações de amizade, são inúmeros os atletas a exemplo de A3, A11, A13 e A16, que alegam não possuir amigos “de verdade”, ou que estes são poucos. Eles percebem os companheiros de treino como concorrentes na busca por seus objetivos, o que os leva a não confiarem uns nos outros.

Essa informação diverge da opinião dos profissionais da comissão técnica, que acreditam que todos têm um grande relacionamento baseado em amizade (P1, P2, P3, P4 e P5).

Esta contradição, entre o que se comenta no CLUBE e o que realmente acontece no dia-a-dia dos jovens atletas, faz com que o indivíduo se faça valer ainda mais de uma falsa imagem, que na prática não se confirma.

Como apresentado por Tanure et al. (2007), identifica-se no ambiente estudado o “teatro organizacional”, uma vez que os indivíduos se portam de forma a manter uma imagem adequada em relação aos sentimentos de amizade, em prol de vantagem profissional.

Essa afirmação se sustenta no fato de os profissionais acreditarem em um sentimento de forte amizade por parte dos atletas, o que leva a entender que os jovens atletas se portam de forma a transparecer isso, mas, como se verifica nas palavras, os mesmos não acreditam verdadeiramente em tal realidade.

A seguir são feitas as considerações finais deste estudo.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Detentor de diversas características que permitiriam compará-lo com o mundo empresarial e dos negócios, o futebol não se apresenta, para os olhos menos atentos, como um ambiente administrativo, onde os novos rumos da sociedade líquido-moderna (BAUMAN 2009b) interferem na gestão e, principalmente, onde as ferramentas gerencialistas (GAULEJAC 2007) são empregadas diariamente com tanta naturalidade.

Ao término deste estudo, fica claro que no universo do futebol pode-se observar muitas características do trabalho contemporâneo. São estas características de um trabalho rico em incertezas, assim como a sociedade de consumidores (BAUMAN 2008), que confirmam os pressupostos anteriormente estabelecidos nesta pesquisa.

A sociedade líquido-moderna (BAUMAN, 2009b), que sucedeu o período sólido, se diferencia de sua antecessora, principalmente, pela velocidade dos acontecimentos.

Segundo Bauman (2001; 2009b) esta velocidade não permite mais que hábitos se transformem em rotinas. Desta forma, passa a reforçar a lógica do “não há longo prazo” (SENNETT, 2009b), estendendo o entendimento de rotina para além dos tradicionais hábitos alimentares ou horários de início e fim de expediente.

Assim, a afirmação de Bauman (2001; 2009b) se sustenta na busca eterna por diferenciação, onde destacar-se nas atividades de hoje, não garante estabilidade para a execução das atividades de amanhã. Novamente o exemplo do autor sobre o ciclista e o entendimento de que apenas para se manter de pé deve sempre pedalar, confirma a idéia do aqui e agora e, principalmente, a desvalorização do que foi feito, tornando-os vulneráveis frente à possibilidade de descarte.

Com isso, as relações entre os indivíduos se alteraram e a velocidade dos acontecimentos passa a provocar neles inseguranças e receios. É na tentativa de se adaptarem ao novo panorama, que os indivíduos alteram suas formas de pensar e, sobretudo, de se portar, transformando seus estilos de vida (BAUMAN 2009b).

Assim como os indivíduos, as organizações sempre procuram meios para melhorar os resultados e não seria diferente nesta nova realidade. Para Gaulejac (2007), as técnicas de gestão existem para racionalizar e otimizar o funcionamento

das organizações. Contudo, algumas dessas técnicas são danosas para os indivíduos envolvidos nas organizações.

É neste cenário que o autor denuncia uma dedicação excessiva ao trabalho por parte do indivíduo. A esta dedicação excessiva Gaulejac (2007) dá o nome de hipersolicitação.

Esta descrição do momento atual que vivemos nos remete ao local do estudo empírico deste trabalho. Como as pessoas em geral, os jovens atletas enfrentam em sua profissão grande concorrência. Desta forma, pode-se perceber que insegurança e receio são sentimentos que acompanham diariamente os jovens atletas.

Estas incertezas no ambiente profissional exigem dos jovens atletas uma mobilização total (GORZ, 2005), como relatado por eles, viver “no clube e para o clube”, sempre visando o sucesso, sendo esta a única forma de se manter afastado do aterrorizante fracasso.

Contudo, para possibilitar uma análise plena das formas como se mobilizam os jovens atletas e, buscando ir além da mera observação da jornada de trabalho, julgou-se necessário identificar na prática do futebol a imaterialidade assim como apresentada por Lazzarato e Negri (2001) e Gorz (2005).

Neste estudo, o foco esteve na compreensão da imaterialidade na prática do futebol com o intuito de perceber a manifestação da atividade profissional do jogador muito além dos horários de treino.

Quanto ao conceito de trabalho imaterial, este não é novo, muito menos uma prática recente por parte dos trabalhadores, trata-se de um exercício que é tão antiga quanto o homem, mas que no novo contexto do trabalho é cada vez mais percebido e, principalmente, exigido por parte das organizações.

Desta forma, esta pesquisa pôde extrapolar a análise da carga horária diária, das horas extras ou das atividades nos domingos e feriados, pois estas obrigações não diferenciariam a prática do futebol de diversas atividades profissionais distintas.

A produção imaterial dos jovens atletas do futebol, que se dá inicialmente no campo de treinamento, ou durante a realização das partidas propriamente ditas, excede o ambiente do CLUBE e possibilita um relevante trabalho contínuo, onde o jovem atleta não pára de buscar respostas e gerar resultados, mesmo após o encerramento das atividades diárias.

Na busca por vantagem competitiva os jovens atletas repensam sua alimentação, seu descanso, seu lazer e tantas outras coisas importantes para suas

vidas. Eles definem seu comportamento perante os profissionais das comissões técnicas do CLUBE, a sua imagem perante o grupo de jogadores de sua categoria e os objetivos que pretendem atingir em curto prazo, nem que para isso, precisem abrir mão de coisas que julguem importantes, como família, amigos e lazer.

Assim, com o intuito de responder a questão de pesquisa, pôde-se constatar que o trabalho imaterial dos jovens atletas das categorias de base é repleto de elementos condizentes com a hipersolicitação descrita por Gaulejac (2007) e conseqüentemente, são marcantes as alterações nos estilos de vida.

Deve-se esclarecer que, para este estudo, o entendimento de alteração nos estilos de vida está na diferença entre a vida dos jovens atletas e a vida dos jovens que não ingressam no meio do futebol profissional. Este argumento se apara na certeza, percebida nas palavras dos jovens, que a vida fora do futebol seria muito diferente.

Desta forma, nas análises identificam-se mudanças relativas ao trabalho que resultam em estilos de vida favoráveis e desfavoráveis. Todavia, nem sempre estas variações são percebidas de maneiras distintas, contudo, alguns traços de ambas puderam ser identificados.

O aspecto que ganha maior destaque negativo é o afastamento da família. Fica clara a vontade que estes jovens atletas têm de estarem junto a seus familiares e o descontentamento que esta distância provoca. Entretanto assim como no entendimento de hipersolicitação (GAULEJAC, 2007), mesmo sendo motivo de reclamações, algumas condições profissionais tornam-se fonte de orgulho. Deste modo, os jovens enaltecem o fato de morarem sozinhos e de serem independentes.

Simultaneamente ao crescimento no clube e ao gradativo aumento salarial, vemos a perspectiva de futuro nos jovens atletas crescendo, esta perspectiva permite almejar ganhos maiores, o que viabiliza o tão desejado auxílio para familiares e amigos, possibilidade lembrada com muito gosto pelos participantes da pesquisa.

Diferente de outrora, não mais apenas o dinheiro como sobrevivência está em jogo neste cenário. Pois o estilo de vida fundamentado no poder ou potencial futuro de consumo e aquisição passa a interferir cada vez mais nas decisões das pessoas (BAUMAN 2009a).

Da mesma forma que as relações com as famílias sofrem alterações, os relacionamentos com os amigos também se alteram. Negativamente percebe-se um

ambiente de insegurança quando os jovens atletas citam as relações de amizade dentro do CLUBE e, especialmente, quando a maioria afirma que elas não são detentoras das características da “verdadeira amizade”. Como trazido por Sennett (2006) nem sempre a figura de um bom profissional é a mesma de um bom caráter.

Contudo, a confiança nos poucos amigos de dentro do clube, assim como as referências e o reconhecimento que vem de fora, em geral dos amigos que permanecem nas cidades natais, agradam os entrevistados, sendo essas outras fontes de orgulho.

Até mesmo na submissão à disciplina imposta pela organização os jovens apresentam entendimentos favoráveis às alterações em seus estilos de vida. Como trazido na “produção de si” descrita por Gorz (2005) e Gaulejac (2007), os jovens atletas enaltecem o fato de serem muito mais disciplinados do que quando crianças, de se portarem como bons profissionais e de estarem, até o momento, obtendo sucesso. Esta situação é mais uma fonte de orgulho para os jovens atletas e fica mais evidente quando essas características são reconhecidas por outras pessoas.

Por fim, o medo e a insegurança, oriundos do receio de fracassar, interferem sensivelmente nos estilos de vida dos jovens atletas, fragilizando sobremaneira todas as relações, levando os pesquisados a adaptarem-se a um ambiente rico em incertezas.

Como diria Bauman (2008), relações profissionais baseadas em uma imprudente fidelidade, podem ser determinantes para o fracasso de ambas as partes, e esta, é mais uma das características que interferem no comportamento dos indivíduos e altera os seus estilos de vida.

Desta forma, a expressão trazida por Sennett (2006), “não há longo prazo”, torna-se perfeita para definir o sentimento dos jovens atletas e do clube que os emprega. Não mais se percebe sentimentos de amor incondicional. Da mesma forma que o clube pode dispensar algum atleta, alguma oportunidade de fora pode fazer com que o atleta dispense o clube. Neste cenário a instabilidade e a insegurança são vias de mão dupla.

Neste meio, os atletas se dedicam ininterruptamente, atendendo a todas as cobranças do clube. Esta, entre outras, é mostras do novo modelo de comportamento do trabalhador na sociedade líquido-moderna (BAUMAN, 2009b), e, conseqüentemente, dos novos estilos de vida, pois as características desta

sociedade provocam nos profissionais do futebol mudanças consideráveis, uma vez que os mesmos devem naturalmente se adaptar ao cenário cada vez mais dinâmico.

Desta forma, procurou-se atingir os objetivos geral e específicos e, com isso, responder a questão de pesquisa. Contudo, cabe retomar uma limitação que diz respeito à coleta de dados e que foi encontrada ao longo deste trabalho.

Os jovens atletas costumam se expressar com poucas palavras, construindo respostas curtas e repetitivas como “bom” ou “tranquilo”. Talvez esta influência venha do rádio ou da televisão, onde as coberturas dos eventos esportivos são cada vez mais dinâmicas e curtas, obrigando os atletas a responderem de forma objetiva aos questionamentos da imprensa. Sendo este o motivo, ou não, o relevante é que durante as entrevistas, os jovens atletas precisavam ser questionados várias vezes sobre o mesmo tema, pois as respostas iniciais, muitas vezes, não enriqueciam a discussão, o que dificultou, em alguns momentos, o trabalho durante as entrevistas.

E assim, conclui-se que a presente pesquisa de cunho exploratório contribui para o aprofundamento das discussões referentes à gestão (GAULEJAC, 2007), à sociedade líquido-moderna (BAUMAN, 2009b) e ao meio esportivo como detentor de características que o assemelham a outros ambientes profissionais.

Desta forma, sugere-se o alargamento do campo de estudos, trazendo como participantes em futuras pesquisas atletas profissionais ou aposentados, além de dirigentes de agremiações. Tudo com o intuito de enriquecer a discussão a cerca dos conceitos teóricos abordados neste estudo, que permeiam o ambiente esportivo.

REFERÊNCIAS

ABRAHÃO, B. O. L. ; SOARES, A J G . **O elogio ao negro no espaço do futebol:** entre a integração pós-escravidão e a manutenção das hierarquias sociais. Revista Brasileira de Ciências do Esporte, v. 30, p. 9-23, 2009.

AZEVEDO, A. A. . **A imaterialidade do trabalho do jogador de futebol:** uma interpretação teórica. Sociedade e Cultura, v. 11, p. 305-313, 2008.

_____. **O Trabalho imaterial do pé-de-obra no futebol.** In: 1º ENCONTRO DA ALESDE, Curitiba, 2008b.

_____. **A atividade do jogador de futebol na perspectiva do trabalho imaterial.** In: XIV CONGRESSO BRASILEIRO DE SOCIOLOGIA, Rio de Janeiro, 2009.

BAUMAN, Zigmunt. **Modernidade Líquida.** Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

_____. **Vida Para Consumo:** a transformação das pessoas em mercadoria. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

_____. **A Arte da Vida.** Rio de Janeiro: Zahar, 2009a.

_____. **Vida Líquida.** 2.Ed. Rio de Janeiro: Zahar. 2009b.

BOURDIEU, Pierre. **Meditações Pascalianas.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

CARVALHO FERREIRA, J. M. . **Trabalho e Sindicalismo no contexto da globalização.** SOCIUS. Lisboa: Universidade Técnica de Lisboa, 2002. 23p. Mimeografado.

FERREIRA, J. F. P. . **A Copa de 70, o governo Médici e a construção do Morenã.** In: XXVI Simpósio Nacional de História - ANPUH, São Paulo, 2011.

GASKELL, George. Entrevistas individuais ou em grupo. In: BAUER, Martin; GASKELL, George (Orgs.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som:** um manual prático. Petrópolis: Vozes, 2003.

GAULEJAC, Vincent de. **Gestão como Doença Social: Ideologia, Poder Gerencialista e Fragmentação Social**. São Paulo: Idéias & Letras, 2007.

GHISLENI, A. P; MERLO, Álvaro Roberto Crespo. **Trabalhador contemporâneo e patologias por hipersolicitação**. Psicologia. Reflexão e Crítica, Porto Alegre, v. 18, n. 2, p. 171-176, 2005.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 4. Ed. São Paulo: Atlas, 1994.

GODOI, C. K.; MATTOS, P. L. C. L. **Entrevista qualitativa: instrumento de pesquisa e evento dialógico**. In Godoi, C. K.; Mello, R. B.; Silva, A. B. (organizadores.) Pesquisa qualitativa em estudos organizacionais. São Paulo: Saraiva, 2006.

GORZ, Andre. **O imaterial: Conhecimento Valor e Capital**. São Paulo: Annablume, 2005.

GRISCI, C. L. I. . **Trabalho Imaterial, Controle Rizomático e Subjetividade no Novo Paradigma Tecnológico**. RAE Eletrônica, v. 7, p. 4, 2008.

GRANOVETTER, Mark. **The Strength of Weak Ties**. In: American Journal of Sociology, vol. 78, n. 6 1360-1380, 1973.

HARVEY, David. **Condição pós-moderna**. São Paulo: Loyola, 2004.

KOPELKE, André Luiz. **Economia**. Indaial: Uniasselvi, 2011.

LAZZARATO, M; NEGRI, A. **Trabalho imaterial: formas de vida e produção de subjetividade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

LAZZARATO, Maurizio. **As revoluções do capitalismo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

LIPOVETSKY, Gilles. **Os tempos hipermodernos**. São Paulo: Barcarolla, 2007.

NORONHA, Eduardo, G. **“Informal”, Illegal, Injusto: percepções do mercado de trabalho no Brasil**. in Revista Brasileira de Ciências Sociais. N 53, outubro/2003.

OLTRAMARI A. P. . **Dilemas relativos à carreira no contexto do trabalho imaterial bancário e suas repercussões nas relações familiares.** 157f. Tese (Doutorado em Administração) - Programa de Pós-Graduação em Administração, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2010.

PELBART, Peter Pál. **A vertigem por um fio: políticas de subjetividade contemporânea.** São Paulo: Iluminuras, 2000.

RODRIGUES, F. X. F. **A formação do jogador de futebol no Sport Club Internacional.** 190f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003.

ROESCH, Sylvia Maria Azevedo; **Projetos de Estágio e de Pesquisa em Administração,** 3. Ed, São Paulo: Editora Atlas S.A. 2005.

SENNETT, Richard. **A cultura do novo capitalismo.** Rio de Janeiro: Record. 2006.

_____. **O Artífice.** Rio de Janeiro: Record. 2009a.

_____. **A corrosão do caráter.** 14. Ed. Rio de Janeiro: Record. 2009b.

TANURE, Betania. et al. **Executivos sucesso e (in)felicidade.** Rio de Janeiro: Elsevier. 2007.

WEBER, Max. **A ética protestante e o espírito do capitalismo.** 2. Ed. São Paulo: Pioneira, 1985.

YIN, Robert. **Estudo de caso: planejamento e métodos.** 2. Ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.

APÊNDICE A - ROTEIRO BÁSICO DE ENTREVISTA 1

Identificação do entrevistado:

Nome:

Idade:

Escolaridade:

Naturalidade:

Estado Civil:

Filhos ou dependentes:

Tempo que integra as categorias de base do CLUBE:

Questões:

1) Como era a sua vida antes do ingresso no CLUBE?

2) Como está a sua vida neste momento?

3) Como você imagina sua vida no futuro?

4) Descreva o seu dia-a-dia no CLUBE:

5) Descreva o seu dia-a-dia fora do CLUBE:

6) Por que você pretende ser um jogador profissional?

7) O que os jovens atletas precisam fazer para se manterem no CLUBE?

8) E você, o que faz para se manter no CLUBE?

9) Que outras atividades você tem?

10) Em relação aos estudos, como você está?

11) Existe alguma coisa que você tem que abrir mão, por estar no CLUBE?

12) O que você pensa sobre isso?

13) Em que atividades, além das realizadas no CLUBE, você e seus colegas se envolvem?

14) Como é o seu relacionamento com a sua família?

15) Como é o seu relacionamento com os seus amigos?

16) Como é seu relacionamento com os profissionais do CLUBE?

17) O que mudou na sua vida a partir do seu ingresso no CLUBE?

18) O que ainda mudará na sua vida?

APÊNDICE B - ROTEIRO BÁSICO DE ENTREVISTA 2

Identificação do entrevistado:

Nome:

Idade:

Cargo:

Naturalidade:

Estado Civil:

Tempo que integra a comissão técnica das categorias de base do CLUBE:

Questões:

1) Como você acredita que era a vida dos jovens atletas antes do ingresso no CLUBE?

2) Como você acredita que está a vida dos jovens atletas neste momento?

3) Como você imagina a vida dos jovens atletas no futuro?

4) Descreva o dia-a-dia dos jovens atletas no CLUBE:

5) Descreva como deve ser o dia-a-dia dos jovens atletas fora do CLUBE:

6) A algum acompanhamento em relação a isso?

7) Por que você acha que eles pretendem ser jogadores profissionais?

8) O que os jovens atletas precisam fazer para se manterem no CLUBE?

9) Que outras atividades desvinculadas ao CLUBE eles têm?

10) Há atividades que você tem conhecimento de que eles deixam de realizar por estarem no CLUBE?

11) Você acha que o CLUBE interfere no relacionamento dos jovens atletas com a família?

12) Você acha que o CLUBE interfere no relacionamento dos jovens atletas com os amigos?

13) Como é o relacionamento dos jovens atletas com os profissionais do CLUBE?

14) O que muda na vida dos jovens atletas a partir do ingresso no CLUBE?

15) O que ainda mudará na vida deles?

APÊNDICE C - TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Programa de Pós-Graduação em Administração - Mestrado
Orientação: Profa. Dra. Carmem Lígia Iochins Grisci
Pesquisador: Janos Job

TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO

Esta pesquisa visa *compreender como a hipersolicitação em contexto de trabalho imaterial provoca alterações nos estilos de vida de jovens atletas*. Com ela se busca contribuir para a produção de conhecimento sobre os possíveis efeitos de tais exigências na vida dos trabalhadores, colaborando para uma discussão que possibilite um esforço preventivo na manutenção do bem-estar desses profissionais, bem como para suas famílias.

Eu, _____ me disponho a participar deste estudo, tendo sido informado sobre seus objetivos e sobre a realização de entrevistas individuais, que serão gravadas em gravador digital, das quais me proponho a participar voluntariamente. Informo ainda que todas as minhas dúvidas foram respondidas com clareza e sei que poderei solicitar novos esclarecimentos, bem como pedir meu afastamento do estudo a qualquer momento. Estou ciente de que os dados serão divulgados de forma a não me identificar pessoalmente (caráter sigiloso) e que somente serão divulgados dados gerais da pesquisa.

Atesto que fui informado de que, caso desista da participação nesta pesquisa, poderei solicitá-lo ao pesquisador Janos Job. E também que em qualquer alteração ou situação imprevista que venha ocorrer, poderei contatá-lo através do telefone (51) 8408-6418, ou através do e-mail jjob@ea.ufrgs.br.

Aos que participarem da pesquisa firma-se aqui o compromisso a apresentar retorno sobre seus resultados, após sua conclusão, numa nova conversa ou de forma escrita.

Da mesma forma assegura-se através desse Termo que a gravação digital que resultar dessa entrevista será destruída após sua utilização, como forma de garantir o sigilo de informações e identidades.

Porto Alegre-RS, _____ de _____ de _____.

Participante

Janos Job
Pesquisador